

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

II Série | Nº 2 | Setembro 2002 | Preço: 2 €



P 9 a 12 Territórios - Península de Setúbal

P 6 MANIFesta 2003 | P 15 Programa AGRO | P 18 Agenda da Rede

ADREPS

Estratégias territoriais de desenvolvimento rural

A centralidade da opção territorial nas práticas de desenvolvimento ganha um novo relevo com a emergência de práticas de cooperação, algumas desenvolvidas desde há muito com carácter mais experimental.

Partindo da realidade e dos principais desafios colocados aos territórios, o LEADER+ constitui um marco qualitativo, na medida em que apresenta como um dos eixos prioritários a colocação em rede dos actores de desenvolvimento rural.

A centralidade da opção territorial, nas práticas de desenvolvimento, ganha assim um novo relevo, com a emergência de práticas de cooperação, algumas desenvolvidas desde há muito e com carácter mais experimental, mas ainda com fraca expressão nas dinâmicas do LEADER.

Esta opção permite ainda ultrapassar os limites do local, perspectivando a possibilidade de um trabalho à escala regional, mais amplo, e a extensão para a escala nacional e internacional, o

que representa uma enorme oportunidade para as organizações e os agentes do desenvolvimento rural.

Na rubrica Territórios - lançada neste número do "Pessoas e Lugares" - pretende-se dar ênfase àqueles que são os principais desafios e oportunidades para os actores do meio rural, e ultrapassar uma visão descritiva das propostas destes agentes, para realçar tanto quanto possível as problemáticas sociais e económicas, o passado e o presente dos territórios, partindo das suas populações, sem deixar de contextualizar cada situação específica num quadro mais largo de globalização das economias e dos mercados.

A rubrica é inaugurada com o território da Península de Setúbal e a actuação de um nova entidade LEADER - ADREPES. Paradigma do que pode ser um espaço de transição, esta região com um passado rural e de actividades ligadas à agricultura, mas fortemente urbanizada e sofrendo as pressões e os riscos de suburbanização de um espaço cobiçado pelas suas características naturais e pela fácil acessibilidade à capital, enfrenta hoje desafios importantes: como atrair o investimento e reforçar as dinâmicas empresariais sem desvirtuar e comprometer o que o torna justamente atraente. Aqui, como nas outras regiões de intervenção LEADER+, a agricultura não deixa de revestir um papel fundamental nas economias agrícolas. No âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio o Programa AGRO permite, a par da renovação em infra-estruturas, os investimentos ditos incorpóreos na formação e qualificação dos recursos humanos e constitui-se como um instrumento fundamental e complementar do LEADER+.

Neste número destaque também para a Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, amplo fórum de discussão, onde os colectivos se reuniram e assumiram (insuficientemente, de modo controverso) as metas de um desenvolvimento mais humano e sustentável.

E porque o desenvolvimento dos territórios é produto da actividade humana, e da dinâmica que as populações conseguem imprimir nos seus territórios, potencializando as suas características naturais e os seus recursos endógenos, o exemplo de Fátima Martins, artesã em Mondim de Basto, é igualmente representativo daquilo que são cada vez mais as condições e a vontade de viver em meio rural, mas também da capacidade de adaptação e inovação neste espaço.

Cristina Cavaco
ccavaco@inde.pt



Paula Matos dos Santos

Territórios LEADER+ em rede e em cooperação

A colocação em rede do conjunto dos territórios rurais e o intercâmbio das experiências que os GAL desenvolvem é uma das prioridades do LEADER+, de modo a intensificar as relações de cooperação entre territórios e a promover a aquisição de competências em matéria de desenvolvimento rural.

De acordo com o definido no Programa Nacional de Enquadramento para o Vector 3 - *Colocação em rede*, a cooperação é um eixo essencial do LEADER+ tornando-se claro que se pretende intensificar as relações de cooperação e interacção, proporcionando maior visibilidade à intervenção que se desenvolve e evitando-se o trabalho isolado e fechado num único território.

Obviamente que não está em causa o contexto *local*, ponto de partida dos Planos de Desenvolvimento Local (PDL) e da organização e gestão territorial, na medida em que se propõem fortalecer o tecido social, económico e empresarial. Não nos podemos esquecer que a crescente interdependência económica e social intensifica a importância da cooperação e do trabalho em rede, particularmente importantes para territórios em que se acentua a fragilidade económica e social.

A colocação em rede do conjunto dos territórios rurais e o intercâmbio das experiências que os GAL (Grupos de Acção Local) desenvolvem é uma das prioridades do LEADER+ de modo a intensificar as relações de cooperação entre territórios e a promover a aquisição de competências, em matéria de desenvolvimento rural. O Vector 3, destinado à colocação em rede dos vários agentes do desenvolvimento rural da União Europeia,

sejam ou não beneficiários do LEADER+, direcciona-se, assim, para incrementar a informação e a reflexão conjunta entre os vários actores do desenvolvimento rural, tendo em vista o reforço das competências organizativas do território e a valorização da imagem do mundo rural.

O facto de a participação activa na rede e nas diversas actividades ter um carácter obrigatório para todos os beneficiários LEADER+ é significativo de que se torna cada vez mais necessária uma maior articulação entre as políticas e os vários instrumentos de intervenção com impacto nas zonas rurais, esperando-se que este Programa possibilite novas **LIGAÇÕES** e **RELAÇÕES DE COOPERAÇÃO** entre os diversos agentes do mundo rural.

Fórum LEADER+ e Bolsa de Oportunidades

Com efeito, se por um lado, a cada Estado-membro compete coordenar, acompanhar, fiscalizar e avaliar o desenvolvimento do Programa no que se refere a estratégias territoriais de desenvolvimento rural e de apoio à cooperação entre territórios rurais delineadas pelos GAL, por outro, tem também a responsabilidade de propor as medidas destinadas a criar as ligações necessárias, tendo em vista a transferência de boas

práticas, a animação da rede do desenvolvimento rural, a organização de intercâmbios de experiências e a assistência técnica às acções de cooperação de proximidade e transnacionais.

Tendo sido assumido que a coordenação e animação da Rede deverá ser assegurada pela Direcção Geral de Desenvolvimento Rural, importa dar conhecimento a todos os intervenientes do Plano de Acção do que se pretende, a curto prazo, implementar.

Para além do “Pessoas e Lugares”, cuja publicação já se reiniciou, criar-se-á o Fórum LEADER+, órgão de debate e reflexão sobre temas que interessem ao desenvolvimento sustentável dos diversos territórios, motivando um maior envolvimento de todas as entidades ligadas à revitalização do mundo rural. Este órgão desdobrar-se-á na realização de encontros, seminários, congressos e debates, quer sobre temas considerados importantes pela DGDRural, quer propostos pelas entidades intervenientes no LEADER+.

A operacionalização de uma “Bolsa de Oportunidades de Investimento em Meio Rural”, instrumento que, em interligação com o “Pessoas e Lugares” e com o site LEADER+, possibilitará uma informação actualizada e regular das oportunidades de investimento e de competências dos diversos territórios envolvidos, estimulando ainda o aparecimento de novas actividades, produtos e soluções, será uma outra acção importante no Vector 3.

O Vector 3 é assim, uma oportunidade para se incentivarem as relações de cooperação nacional e transnacional através da realização regular de acções de informação e formação, quer orientadas para a divulgação de boas práticas, quer para incentivar uma maior articulação em rede e parceria de todos os intervenientes no desenvolvimento rural.

Luís Duarte
Maria do Rosário Serafim
DGDRural



WinLeader+ Uma ferramenta “obrigatória” no LEADER+

Uniformização, arquivo, consulta, simplicidade de introdução de dados e maior facilidade de acesso a indicadores foram algumas das características apontadas ao programa WinLeader+, na apresentação oficial às associações LEADER+, que teve lugar no Auditório do Centro de Actualização Propedêutica, na Estação Agronómica Nacional, na Quinta do Marquês, em Oeiras, no passado dia 24 de Setembro.

Para o gestor do LEADER+, Luís Duarte, este programa é “uma tentativa de responder às nossas necessidades e às próprias necessidades das comunidades”, e uma ferramenta imprescindível e “obrigatória” durante o LEADER+. Assumido o WinLeader+ como um importante instrumento de trabalho para as Equipas Técnicas Locais (ETL), Rui Rafael, da Direcção Geral de Desenvolvimento Rural (DGDRural), procurou explicar aos técnicos que pela primeira vez contactaram com o programa alguns aspectos deste *software*. Sendo “o programa mais generalista que conseguimos arranjar”, Rui Rafael defende que num eventual desapontamento de uma entidade, que pode sentir necessidades particulares não totalmente correspondidas, deve ter-se em conta que este “é um programa para 52 entidades e não para uma”.

Durante a apresentação deste programa um dos problemas levantados foi a importação de documentos de outros programas, como o Excel. Para Pedro Fraga, da F3M (empresa que elaborou o WinLeader+), “não é exequível fazer isso a partir de uma folha de cálculo individualizada”. A única possibilidade seria criar uma fórmula “comum a todas as entidades, que seja integrada no nosso programa”. Ainda em fase de explicações, a F3M, esclareceu que a opção pela criação de um novo programa em vez de continuar o anterior WinLeader se deveu a questões técnicas e funcionais que se prendem com especificações técnicas do novo *software*, e às mudanças do PAL do LEADER II, que estava dividido em áreas e sub-áreas, enquanto no LEADER+, o PDL está organizado por medidas e sub-medidas.

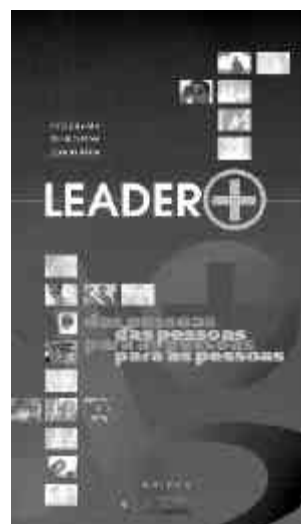
Esta e outras notas funcionaram como uma introdução ao programa, carecendo agora de uma formação introdutória. Nesse sentido, foi criado um Plano de Sessões de Formação, conduzido por técnicos da F3M, que contempla 12 sessões em todo o país. Esta “atenção à formação”, é uma das preocupações de Luís Duarte, que reforçou a necessidade dos técnicos desenvolverem as suas capacidades de trabalho com este novo instrumento.

J.L.



ADICES

Das pessoas para as pessoas...



A ADICES tem desde a sua constituição, em 1991, procurado estruturar em consonância com aqueles que são os principais motores do Desenvolvimento - as pessoas - estratégias de intervenção que possam contribuir de uma forma evidente para o desenvolvimento global do território e para a elevação do bem-estar e da qualidade de vida das populações.

O LEADER+ surge neste contexto como um instrumento central, indutor de uma dinâmica capaz de contribuir significativamente para a concretização destes objectivos. Por isso, a ADICES elaborou um Plano de Desenvolvimento Local (PDL) cuja forma de intervenção apresenta algumas alterações relativamente aos períodos anteriores. O objectivo geral, ou seja o tema federador, mantém-se o mesmo - a

melhoria da qualidade de vida nas zonas rurais - mas a metodologia de trabalho e o público-alvo sofreram ajustamentos que resultam das avaliações e dos diagnósticos de situação efectuados mais recentemente na zona de intervenção. Assim, já não se trata, pura e simplesmente, de dotar o território de bens e equipamentos de interesse público e colectivo nas diversas áreas que influenciam directa ou indirectamente a qualidade de vida, mas de promover uma animação local do território criando um ambiente de positividade e de confiança, com impacto ao nível das pessoas, elas sim objecto e sujeito da nossa intervenção.

Assim, iremos privilegiar projectos que envolvam a população infantil e juvenil, que proporcionem o envolvimento dos agentes culturais locais e o convívio e o intercâmbio intergeracional; projectos com carácter didáctico e organização de tempos livres que se enquadrem na região e que desenvolvam as suas potencialidades; projectos de animação sociocultural, de promoção e valorização da cultura local; projectos que apoiem a criação, adaptação e valorização de estruturas de lazer e recreio que impliquem arranjos paisagísticos; projectos que apoiem a criação/adaptação de núcleos de interesse museológico, espaços de exposição, etc.; projectos que apoiem a adaptação, recuperação e criação de pequenas infra-estruturas e/ou equipamentos de animação; projectos que apoiem a realização e participação de eventos; projectos que apoiem a realização de diversas acções de sensibilização ambiental e do património cultural e natural; projectos que traduzam o aproveitamento dos recursos locais e dos sectores tradicionais, projectos que se traduzam no enriquecimento dos serviços locais, das novas tecnologias e novas profissões; projectos que reforcem a competitividade local, geradores de emprego e que fundamentalmente contribuam para o alcance dos objectivos do nosso PDL.

ADICES



ATAHCA

ATAHCA

Apresentação do LEADER+

O Programa de Iniciativa Comunitária LEADER+ a implementar na zona de intervenção da ATAHCA foi apresentado publicamente no passado dia 11 de Setembro de 2002, no salão nobre da sede da ATAHCA, concelho de Vila Verde.

Neste acto solene estiveram presentes, para além da Direcção da ATAHCA e do Conselho de Decisão LEADER+, as autarquias locais, as associações locais e regionais, bem como potenciais promotores individuais.

O objectivo principal do PDL da ATAHCA é desenvolver, de forma sustentada e integrada, assimetrias existentes entre as regiões mais desenvolvidas e esta região, constituída pelos concelhos de Amares, Terras de Bouro, Póvoa de Lanhoso e Vila Verde. O enquadramento e as directrizes da estratégia de desenvolvimento do LEADER+ estão adaptadas às circunstâncias específicas da região, promovendo a apropriação local das reformas económicas e sociais e a integração dos intervenientes, pessoas colectivas de direito público e privado e a sociedade civil, neste processo de desenvolvimento.

O Programa LEADER+ apresentado pretende ser um instrumento privilegiado de aprofundamento da estratégia que permita fazer face e prevenir as vulnerabilidades com as quais a região ainda se confronta. Reforçar as competências das comunidades locais e do cidadão, num quadro de participação efectiva e empenhada, sendo este o único caminho possível para o sucesso dos objectivos traçados pela ATAHCA e seus pares, a fim de ajudar decididamente a implementação de projectos que contribuam para o desenvolvimento integrado das Terras do Alto Cávado.

ATAHCA

Terras do Baixo Guadiana

Aprovação dos primeiros projectos LEADER+

A Associação Terras do Baixo Guadiana aprovou, no passado dia 22 de Agosto, a concessão de co-financiamento comunitário - fundo FEOGA - para os primeiros dois projectos comparticipados no âmbito do Projecto LEADER+ no seu território: um, promovido pela ADPM- Associação de Defesa do Património de Mértola denominado Criação de Gabinete para Apoio à Iniciativa Local (no valor de 34.797,75 €), e outro promovido pela Associação de Proprietários Florestais Cumeadas do Baixo Guadiana, denominado Formação para Capacitação Técnica (no valor de 1.305 €). Com a aprovação destes dois projectos pela comissão especial LEADER+, criada para o efeito e constituída por representantes das associações Alcance, ADPM e Odiana, a implementação do Programa LEADER+ começa a ser uma realidade no território do Baixo Guadiana. Os projectos aprovados enquadram-se, respectivamente, nas acções do Plano de Desenvolvimento Local de apoio técnico à iniciativa local e formação para a melhoria das competências associativas, acções estas que respondem de forma clara aos objectivos e ao tema forte seleccionado para o território de promoção do reforço das componentes organizativas e das competências das zonas rurais.

Durante o mês de Setembro, a Equipa Técnica Local (ETL) vai continuar o seu trabalho de divulgação de forma a preparar um importante conjunto de candidaturas. Ao mesmo tempo, três novos elementos (animadores locais) juntar-se-ão à equipa da Terras do Baixo Guadiana, dando início ao seu trabalho no terreno, e de quem se espera uma aproximação muito estreita com as comunidades locais do território e uma articulação com a própria ETL na implementação do PDL.

Terras do Baixo Guadiana

Raia Histórica

37 projectos LEADER+ já aprovados

A Associação de Desenvolvimento Raia Histórica aprovou no passado dia 19 de Agosto os primeiros projectos no âmbito do Programa Comunitário LEADER+. A sessão de assinaturas dos contratos decorreu no stand da Raia Histórica na Feira de São Bartolomeu, em Trancoso, e contou, entre outros, com a presença do Director Regional da Agricultura da Beira Interior, José Martins de Carvalho, do Chefe de Projecto do LEADER+, Guilherme Lewes, e do presidente da Raia Histórica, Júlio Sarmento.

Durante o acontecimento, o presidente da Raia Histórica realçou a importância do evento para o desenvolvimento local, uma vez que foram aprovados 37 dos 41 projectos propostos, e que promovem o turismo, a criação de empregos, a fixação de pessoas e um crescimento gradual de toda a economia regional. Uma iniciativa que contribui, assim, para uma melhoria substancial da qualidade de vida de toda a população.

Os contratos assinados envolvem diversos parceiros, desde associações, municípios e freguesias, entidades privadas e particulares de toda a zona de intervenção da Raia Histórica (concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Mêda, Pinhel e Trancoso).

Os investimentos são variados: desde a remodelação e requalificação de lagares de azeite, recuperação do património, apoios directos às actividades agrícolas, intervenções de reabilitação, promoção de actividades como por exemplo feiras de artesanato, entre tantos outros projectos.

Ainda segundo o presidente da associação, a não aprovação de quatro projectos deveu-se unicamente à falta de requisitos. No entanto, Júlio Sarmento sublinhou que o investimento global ascende a 898 mil euros.

Raia Histórica



Raia Histórica

Concurso de Melão Casca de Carvalho

No âmbito da festa do “Melão Casca de Carvalho - Animação Gastronómica e Artesanato” que decorreu no passado dia 24 de Agosto nas instalações da Cooperativa Terras de Felgueiras, por iniciativa conjunta desta Cooperativa Agrícola e da Câmara Municipal de Felgueiras, realizou-se o V Concurso do Melão Casca de Carvalho cujo principal objectivo é a promoção e a valorização deste produto típico regional.

Na edição 2002 participaram 12 concorrentes, oriundos não só do concelho de Felgueiras mas também de alguns concelhos vizinhos, os quais submeteram os respectivos exemplares à apreciação de um júri constituído por seis especialistas na matéria, pertencentes a organizações como a ADER-SOUSA, a Cooperativa Terras de Felgueiras - Caves de Felgueiras e a Câmara de Agricultura do Norte, que tiveram a difícil tarefa de escolher os três melhores exemplares, para a atribuição de outros tantos prémios.

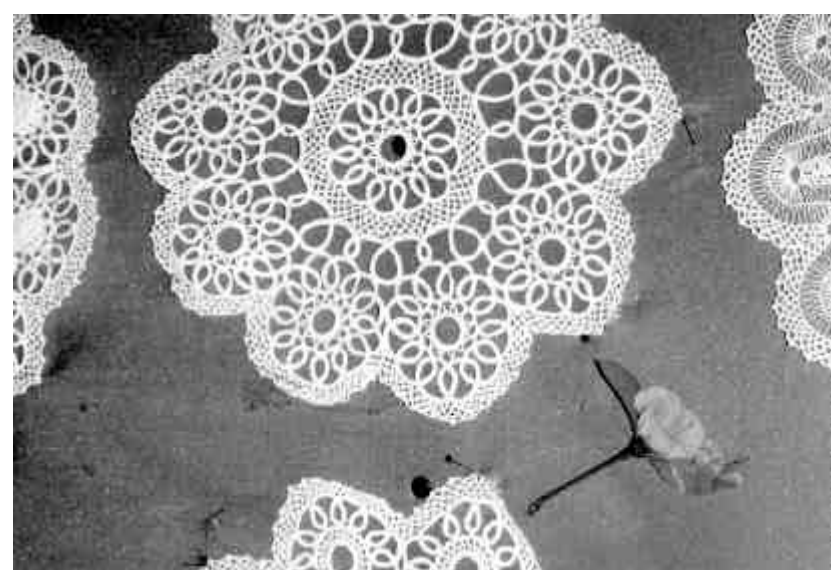
A avaliação incidiu sobre parâmetros relacionados não só com o aspecto exterior dos melões; forma, cor, e reticulado, mas sobretudo quanto às qualidades organoléticas que evidenciam; cor e textura da polpa; doçura e apimentado.

Os premiados - Carlos Teixeira da Silva Macedo, Bemardino Martins Afonso e António Ribeiro de Carvalho - foram contemplados com 250, 200 e 150 Euros cada, respectivamente, e aos restantes concorrentes foi atribuído um prémio de presença.

ADER-SOUSA



ADER-SOUSA



Faria do Rosário Aranha

Workshops de artesanato

A Secretaria Regional da Economia – Centro Regional de Apoio ao Artesanato, o PPART - Comissão Nacional para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais, a ASDEPR – Associação para o Desenvolvimento e Promoção Rural e a ADELIAÇOR – Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, celebraram uma parceria para o desenvolvimento do projecto Magna Mater “O Design no Artesanato – Workshops”.

Magna Mater “O Design no Artesanato - Workshops” é um projecto inovador, que visa enaltecer a contribuição do design como meio de valorização do artesanato.

Serão realizados dois encontros descentralizados nas Ilhas do Faial e São Miguel, entre 16 e 26 de Setembro, reunindo alunos finalistas/designers da Universidade de Aveiro e artesãos locais para, em conjunto, desenvolverem propostas inovadoras de artefactos que aliem as tecnologias tradicionais às novas exigências dos mercados contemporâneos.

A artes a trabalhar são as rendas, bordado de palha sobre tule e tecelagem, no Faial e cerâmica e bordado matiz, em São Miguel, por serem produtos certificados ou com elevada procura no mercado.

No final dos trabalhos, haverá uma sessão pública de encerramento, com a presença de todos os participantes, a ter lugar na Ilha do Faial, a 28 de Setembro, onde serão apresentados os trabalhos desenvolvidos e os resultados alcançados nos workshops realizados nas duas ilhas.

ADELIAÇOR

CD “Montado a valer”



Foi editado pela Terras Dentro, ainda no âmbito do Programa LEADER II e financiado por este Programa, um importante meio de divulgação e promoção da floresta mediterrânea alentejana, o Montado. Trata-se de um CD destinado especialmente aos mais novos, e onde a fauna, a flora e algumas questões ambientais são abordadas com particular atenção. A edição deste CD é fruto de uma cooperação da Terras Dentro com o GAL CEDECO de Tentúdia (Espanha).

Terras Dentro

Lafões

Um território, uma política

Integrado na VIII edição da Feira de Lafões, realizou-se no passado dia 26 de Julho, no Cine-Teatro João Ribeiro, em Vouzela, o seminário “Lafões: um território, uma política”.

O certame tem vindo a ser realizado, desde 1995, pela Associação de Desenvolvimento Rural de Lafões, Associação Empresarial de Lafões e Câmaras Municipais de Lafões, com o apoio de várias instituições, entre as quais a ADDLAP - Associação de Desenvolvimento Dão, Lafões e Alto Paiva, através do Programa LEADER.

Pretendendo projectar Lafões a nível regional e nacional, através da valorização dos seus recursos endógenos, divulgação e promoção das actividades de âmbito económico e social do território, a Feira de Lafões visa também gerar alternativas para fazer face ao problema da saída das populações.

A realização do seminário “Lafões: um território, uma política” permitiu evidenciar não só esta problemática como também concluir que a quebra de população e a falta de quadros são os factores de maior constrangimento para a região de Lafões.

“Perdida a batalha agrícola”, Portugal “fica reduzido à indústria turística”, restando-lhe aproveitar a sua capacidade termal, as praias e as montanhas, fazendo da qualidade a diferença. Estas foram algumas das ideias que saíram deste seminário realizado em Vouzela.

Desenvolvimento económico, social e cultural - que propostas

Das várias intervenções que deram corpo ao seminário ficou a convicção que ao falarmos de Lafões estamos perante uma zona do país que exige sintonia de interesses para que se possa tirar partido das diversas componentes que oferece, unindo e interligando, numa simbiose de afinidades, levando à exploração das suas riquezas termalísticas, arquitectónicas e industriais. Se nos “comportarmos como um todo vamos longe. Sozinhos arriscamo-nos a morrer na praia...”, adiantou o presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Frades, Carlos Rodrigues.

A falta de quadros, as acessibilidades, uma população envelhecida e a fixação da juventude - uma das grandes batalhas a empreender - foram outros dos tópicos abordados neste seminário, onde também se falou de turismo.

Detentora de um património arquitectónico invulgar e de rara beleza paisagística, com uma gastronomia riquíssima, Vouzela “pretende conjugar a tradição com a inovação, a história com a mudança, o passado com o futuro”. Falar de turismo é falar do futuro. E o futuro passa pelo aproveitamento patrimonial da região, seja cultural, paisagístico ou monumental. Neste contexto, os monumentos devem ser preservados, os idosos assistidos, a juventude compreendida, a indústria incentivada e a agricultura apoiada. Neste sector, o presidente de Oliveira de Frades, referiu a necessidade de aproveitar o potencial pecuário da região, implementando uma nova variante voltada para a pastorícia. A criação de cabrito - Cabrito do Caramulo - em campo aberto (aproveitando a riqueza florestal) é já um projecto em marcha, prevendo-se que no espaço de três anos possa haver um efectivo superior a 100 mil animais.

A fechar os trabalhos, o Director Regional de Agricultura da Beira Litoral, defendeu que a região de Lafões tem um conjunto de valores culturais assinalável, entendendo ser apropriado ter “uma visão de futuro”, pois o “desenvolvimento tem que ser com e para as pessoas”.

ADDLAP

MANIFesta 2003

Depois dos êxitos de Santarém (1994), Tondela (1996), Amarante (1998) e Tavira (2001), a Feira e Festa do Desenvolvimento Local - MANIFesta regressa nos dias 1, 2, 3 e 4 de Maio de 2003 e, pela primeira vez no Alentejo, em Serpa.

A sessão pública de apresentação da MANIFesta 2003 teve lugar no passado dia 17 de Setembro, em Lisboa, e para além da oportunidade de provar alguns dos produtos certificados do Alentejo, a entidade promotora (ANIMAR) e a organização - desta vez a cargo de uma parceria constituída por quatro associações de desenvolvimento local do Alentejo - Alentejo XXI, ESDIME, Rota do Guadiana, Terras Dentro e ainda, como co-organizadora, a Câmara Municipal de Serpa - deram a conhecer as três principais componentes da MANIFesta 2003: a V Assembleia de Desenvolvimento Local, a Festa e os Seminários Temáticos.

V Assembleia de Desenvolvimento Local

À semelhança do processo das anteriores Assembleias, pretende-se que esta V Assembleia venha a constituir um importante instrumento de participação, discussão, consensualização e formação. Precedida de vários momentos de debate à escala nacional, no seio dos grupos regionais, a V Assembleia terá dois temas para reflexão: “De nós para nós” - A Auto-Avaliação em análise, e “De nós para os outros” - Como comunicar e dar visibilidade externa à nossa actividade. Os resultados conseguidos nas assembleias regionais (Norte, Centro, Sul, Madeira e Açores) serão apresentados na V Assembleia a realizar no decurso da MANIFesta 2003, de onde se espera que saiam “As declarações de Serpa”.

A Festa

A feira festa da MANIFesta será uma grande mostra dos locais, das regiões, da Ibéria, dos países, das instituições e das associações, das iniciativas e actividades, das artes e animações, da cultura e das culturas, dos desportos tradicional e radical, das artes e dos ofícios, da gastronomia e do artesanato, da informação e da comunicação local, da brincadeira para a pequenada.

Seminários Temáticos

Também a componente seminários temáticos terá uma expressão importante. A escolha dos temas a abordar será posteriormente definida em colaboração com a ANIMAR mas serão certamente do interesse de todos em virtude da sua actualidade.

Sobre o espaço de acolhimento...

O centro histórico de Serpa fala por si, não necessita de apresentações especiais nem de lustros oratórios. A Vila, centro urbano de um imenso mundo rural, tem uma mais valia patrimonial tremendamente forte. Tão tremendamente forte, que basta uma rápida leitura para descobrir e perceber a história ancestral destas terras e destas gentes. É no âmago e com o uso deste património que vamos organizar e realizar a MANIFesta de Serpa 2003.

ANIMAR



XIII POIARTES... ou o artesanato como mote para a Festa

Não é por mero acaso que já foram realizadas 13 edições da POIARTES. Inaugurada no passado dia 13 de Setembro, por sinal uma Sexta-Feira, a data —eventualmente aziaga para alguns— revelou e reforçou apenas todo o trabalho, dedicação e empenho desenvolvidos nos últimos anos pela autarquia de Vila Nova de Poiares em colaboração estreita com as associações e colectividades locais, para que esta iniciativa não se assuma apenas como mais uma Feira de Artesanato.

Enfatizando o epíteto de “Capital do Artesanato”, a Poiartes assenta o seu interesse na própria produção local, rica e diversificada, motivo de orgulho e modo de vida de muita da sua população. Os artefactos minuciosamente trabalhados em madeira de salgueiro, a louça tosca em barro preto, as mós, foram apenas algumas das peças anfitriãs que acolheram um sem número de outros produtos oriundos de todas as zonas do país.

Porém a Poiartes não vive apenas do artesanato. Nos seus três dias de duração, Vila Nova de Poiares, foi um concelho efectivamente *em festa*....

Uma festa com diferentes e diversificados contornos... entre momentos de música moderna, popular ou de cariz rural como foi o caso do folclore... entre petiscos e doces tentações proporcionados pela mostra gastronómica... entre exposições de artistas locais... entre corridas e garraidas para os mais afeccionados... de tudo um pouco animou as gentes destas e doutras paragens que acorreram em massa ao convite e transformaram as ruas da vila num mar de gente alegre e em folgado.

1º. Capítulo da Confraria da Chanfana

Mas foi, sem dúvida, o 1º. Capítulo da Confraria da Chanfana de Vila Nova de Poiares que marcou a diferença desta edição, com a realização de diversos actos simbólicos entre os quais se destacam a entronização da própria Confraria, a cerimónia de investidura dos Confrades fundadores, de honra e efectivos, o desfile destes pelas ruas principais da vila e a inauguração do restaurante “O Confrade”, propriedade desta jovem irmandade, e que pretende fazer deste espaço um local de referência e um ponto de encontro para os apreciadores deste prato típico. Objectivando a preservação desta receita tradicional e a sua divulgação enquanto ex-libris da região, a Confraria da Chanfana promete vir a ser um elemento fulcral para a dinamização cultural e turística deste concelho.

Ainda mal terminada está a 13ª edição do evento e já os organizadores avaliam o seu impacto, fazendo planos para um futuro que anseiam mais abrangente em termos de actividades económicas e porventura realizado num espaço mais apropriado e condigno que faça jus à sua já tão longa existência.

A Poiartes impõe-se assim como uma Feira de Artesanato que mais do que uma actividade económica dinamiza um povo, uma região, um modo de vida.

DUECEIRA-LEADER+ELOZ



DUECEIRA

XII Feira Agro-Pecuária de Castilla e León

Decorreu de 6 a 11 de Setembro de 2002 a XII Feira Agro-Pecuária de Castilla e León (Salamanca).

Integrada no espaço destinado a Portugal, que marcou presença com uma forte representação, a Dolmen/Leader+ promoveu os produtos locais de qualidade do interflúvio Douro-Tâmega, o artesanato, os vinhos verdes e as potencialidades turísticas do território.

O impacto da participação da Dolmen pode ser aferido quer pela grande afluência de visitantes e impacto na comunicação social (com reportagens em directo em vários canais espanhóis) quer pelas vendas registadas, tendo o stock de produtos destinados a comercialização esgotado várias vezes.

No Dia de Portugal, a Dolmen organizou uma recepção brindando os ilustres visitantes - o Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, o Presidente da Deputação Provincial de Castilla e León, o Director Regional de Agricultura da Beira Interior e o Cônsul de Portugal em Salamanca, entre outras individualidades, com uma degustação dos produtos do Douro-Tâmega.

DOLMEN

VIII Feira de Queijo Artesanal da Cantabria

A Associação de Desenvolvimento Terras de Sico participou nos dias 14 e 15 de Agosto numa mostra de produtos alimentares, realizada na localidade de Pesquera, na província da Cantabria (Norte de Espanha), a VIII Feria del Queso Artesano.

Integrada na cooperação transnacional prevista na Iniciativa Comunitária LEADER+, e correspondendo a um convite daquele município espanhol, a Terras de Sico e a entidade promotora “Sico-Rural”, integrou um pavilhão expondo o Queijo Rabaçal D.O.P., o Vinho Terras de Sico e o Mel de Sico.

A feira - a primeira de âmbito internacional - juntou 32 expositores espanhóis, franceses (da região de Pau-Jurançou) e portugueses (região de Sico), e foi visitada por cerca de 20 mil pessoas que demonstraram, após provas realizadas, grande apreço pelos nossos produtos que praticamente se esgotaram. Um grande interesse que também foi



Terras de Sico

evidente nas notícias inseridas nos órgãos de comunicação social locais e numa reportagem-entrevista na televisão espanhola regional da Cantabria. O certame foi ainda visitado por várias entidades do Governo Autónomo e o representante do Cônsul de Portugal em Bilbao, Fernando Caldeira. Com esta participação, consideramos que estão lançadas as bases para futuros projectos de cooperação com a entidade LEADER+ da região espanhola de Campo Los Valles.

Terras de Sico



Adelino Chaga (C.M. Palmela)

Península de Setúbal

Textos de João Limão e Paula Matos dos Santos

A costa Atlântica, dois dos mais importantes estuários da Europa (Tejo e Sado), um vasto património cultural e ambiental, e uma enorme riqueza histórica, arquitectónica e etnográfica. É neste cenário que se enquadra o território da Zona de Intervenção do Plano de Desenvolvimento Local da ADREPES - Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal.

A Zona de Intervenção da ADREPES integra 21 freguesias de seis concelhos da Península de Setúbal - Alcochete, Moita, Montijo, Palmela, Sesimbra e Setúbal - com exclusão dos núcleos urbanos da Moita, Pinhal Novo e Setúbal, abrangendo 1222,7 Km² de superfície total, uma população residente de 95.844 habitantes e uma densidade populacional de 78,4 habitantes por Km².

Trata-se de um território periurbano com uma relação ambivalente com a Área Metropolitana de Lisboa. Sufocado pela dependência de núcleos funcionais da capital e pressionado pelo crescimento do tecido urbano, com o consequente perigo de perda de identidade rural, o território sofre com esta proximidade embora, por outro lado, beneficie da proximidade dos públicos desta área metropolitana, eventuais investidores e consumidores de produtos da região.

Apesar das pressões, a barreira natural do rio Tejo constitui um entrave ao crescimento urbanístico por não oferecer as mesmas facilidades de acesso que a periferia da margem Norte. Esta condicionante manifesta-se na pressão urbana, muito concentrada no Arco Urbano Ribeirinho, que se reflecte numa menor integração metropolitana. A Península de Setúbal apresenta uma grande diversidade interna, com duas áreas de grande consolidação urbana, entre Almada e Montijo (agora com expansão na zona de Alcochete e outra entre Palmela e Setúbal) que contrastam com zonas rurais periurbanas, acoissadas pela pressão imobiliária.

A grande dependência funcional de Lisboa origina disparidades entre quantitativos populacionais e número de equipamentos, comércio e serviços dos centros urbanos. Excepção feita a Setúbal, que constitui um centro de nível sub-regional, com equipamentos mais especializados. Almada, Seixal, Barreiro, Moita e Montijo, são cidades que estão funcionalmente bastante dependentes de Lisboa, apresentando desequilíbrios entre população e funções. O grau de dependência das outras cidades e vilas é ainda mais acentuado.

Ao nível das estruturas produtivas, nos últimos 40 anos, a Península de Setúbal sofreu um processo de intensa industrialização baseada numa lógica de processos de trabalho intensivos. Essa lógica começou a ser contrariada em meados dos anos 80, sendo possível encontrar alguns esforços de diversificação de actividades de maior conteúdo tecnológico e de potencial inovador. Hoje, a região apresenta uma base de actividades diversificada, mas continua a sofrer com a sobreespecialização em áreas como o comércio, a construção, o turismo, ou serviços a empresas, e apresenta uma subespecialização em áreas como a indústria e serviços financeiros.

As mutações no sistema produtivo, que se têm traduzido por uma grande flexibilidade das dinâmicas do mercado de trabalho e no rendimento das famílias, indicia uma estagnação de crescimento demográfico. Ao mesmo tempo, a instabilidade produtiva gera dinâmicas de exclusão, com reflexo em fragilidades de contexto metropolitano, como o desemprego, a marginalização juvenil ou dificuldades de acesso à habitação. A taxa de desemprego na Península de Setúbal é 4,3 por cento à do Continente, e 3 por cento mais alta que na Região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT). Em média, a taxa de desemprego situou-se nos 10,5 por cento entre 1988 e 1997, atingindo um máximo de 12 por cento em 1995.

Região rica em biodiversidade

No capítulo ambiental, o relatório do Diagnóstico Prospectivo apontou o Ambiente como um Sistema Produtivo, do qual dependem os sistemas Económico e Social. A razão desta análise resulta da Península de Setúbal

ser muito rica em Paisagens e Patrimônio Natural. Mercê do clima e localização é uma das regiões do país e da Europa mais rica em biodiversidade.

O importante papel a nível ecológico e ambiental reflecte-se na grande atratividade para actividades de recreio e lazer ligadas ao contacto com a natureza. O clima, a paisagem e a diversidade de ecossistemas têm alimentado a indústria turística e as actividades de recreio e lazer das populações residentes. De acordo com a coordenadora da Equipa Técnica Local (ETL) da ADREPES, Manuela Sampaio, ao nível das candidaturas ao LEADER+ , o turismo é uma das áreas mais abrangidas.

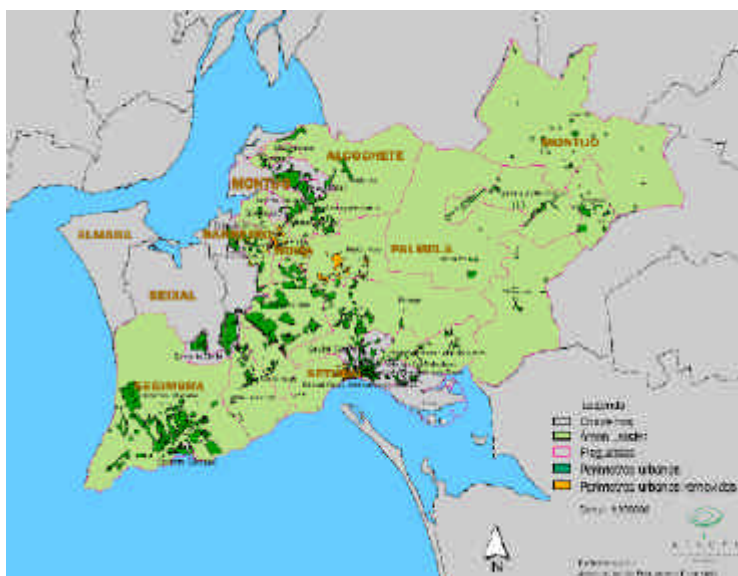
No domínio da preservação ambiental, o Parque Natural da Serra da Arrábida, o Cabo Espichel, as matas de Sesimbra e as praias da Costa da Caparica, são exemplos de espaços naturais de elevado valor ecológico. É também uma zona de elevada importância ornitológica, capital durante todo o ciclo anual para espécies de aves de rapina e para espécies de aves aquáticas, como o Falcão Peregrino (*Falco peregrinus*), Garajau (*Sterna sandvicensis*), Noitibó (*Caprimulgus europaeus*) e Bufo Real (*Bubo bubo*). Num território em que predominam os solos de aptidão florestal, também se pratica uma agricultura minifundiária ribeirinha e uma agricultura caracterizada por explorações de média e grande dimensão, com orientação agro-silvo-pastoril que, associada ao tipo de culturas aí praticadas, é uma das razões das elevadas produtividades agrícolas. A população agrícola corresponde a 14,7 por cento da população residente na península, e a 18,28 por cento da população empregada na mancha LEADER+.

A qualidade dos solos e o clima permitem também elevados padrões de qualidade, que garantem um alargado número de produtos com denominação de origem protegida, de prestígio reconhecido a nível nacional, como o Moscatel de Setúbal, os VQPRD de Palmela e da Arrábida, o Vinho Regional Terras do Sado, o Queijo de Azeitão e a Maçã Riscadinha.

Se ao nível dos recursos minerais a Península não é muito rica, com excepção das areias de alta qualidade da zona de Coina e dos calcários dolomíticos da Arrábida, o enquadramento entre os estuários do Tejo e Sado, e costa Atlântica, faz com que a Península beneficie de importantes recursos marinhos, que sustentam a actividade de dois dos mais importantes portos do continente. Esta proximidade marítima, faz da pesca uma actividade de grande preponderância económica e com um papel social importante.

Dinamismo sócio-cultural

A Península de Setúbal é ainda servida pelo mais produtivo aquífero do continente, que tem abastecido de água potável toda a região. O uso de água do aquífero, para usos domésticos e económicos, dispõe de recursos ainda longe de estarem ultrapassados, contudo verificaram-se situações



Zona de Intervenção

Concelhos/Freguesias

Alcochete

Alcochete; Samouco; São Francisco

Moita

Alhos Vedros; Moita; Gajo-Rosário

Montijo

Alto-Estanqueiro-Jardia; Canha; Pegões; Sto
Isidro de Pegões; Sarilhos Grandes

Palmela

Marateca; Palmela; Pinhal Novo; Poceirão;
Quinta do Anjo

Sesimbra

Sesimbra (Castelo)

Setúbals

Gâmbia-Pontes-Alto da Guerra; São Lourenço; São Simão; Nossa Sra da Anunciada

pontuais de infiltração de águas salinas e de poluição, nas zonas em que o aquífero apresenta um maior índice de vulnerabilidade a estes fenómenos. Estas ocorrências, sem serem preocupantes, aconselham uma gestão cuidada.

Situações deste género levantam preocupações de preservação ambiental. A Serra da Arrábida, Sesimbra, Cabo Espichel, Aldeia do Meco, Lagoa de Albufeira e Costa da Caparica estão sujeitos a intensas pressões urbanísticas e de exploração de recursos naturais.

A grande riqueza histórica, arquitectónica, cultural, etnográfica e gastronómica, fazem da Península de Setúbal um interessante pólo de turismo cultural. Marcas de património edificado, como o Convento da Arrábida ou os castelos de Palmela e Sesimbra, são exemplos do potencial de criação de roteiros histórico-culturais.

No capítulo das edificações recentes, o Museu de Setúbal, o Museu de Arqueologia e, especialmente, o Museu do Trabalho Michel Giacometti, são reflexo de uma aposta na conservação da memória colectiva da região. Em paralelo, a Península apresenta uma grande dinamismo de intervenção sócio-cultural, com a existência de um tecido associativo alargado e pujante. A presença de inúmeras companhias de teatro - caso do Grupo de Teatro “O Bando” que é parceiro da ADREPES -, grupos musicais, ou cineclubes, é, muitas vezes, responsável pela realização de eventos, como festivais de cinema, música ou teatro.

A Península de Setúbal é assim uma região com fortes possibilidades de crescimento, dado ser uma zona de atracção populacional, possuir mão-de-obra abundante, e ser um território de vastos recursos e potencialidades para um desenvolvimento económico sustentado.



O projecto LEADER+ da ADREPES

Aproveitar as novas oportunidades.
Valorizar e desenvolver as potencialidades locais.

A ADREPES elaborou um Plano de Desenvolvimento Local (PDL) que assenta na promoção de um modelo de desenvolvimento integrado do território em espírito de cooperação e parceria, com o envolvimento da população e na salvaguarda da preservação das identidades rurais.

A Península de Setúbal possui grandes potencialidades a nível de recursos naturais, paisagísticos, patrimoniais, culturais e gastronómicos, logo é natural que a ADREPES assuma a promoção da qualidade de vida do território, o reforço da competitividade do tecido empresarial, a valorização do património ambiental e a preservação da identidade cultural do território como objectivos específicos da sua estratégia de desenvolvimento para a sua zona de intervenção.

Para atingir estes objectivos, a ADREPES propõe um conjunto de medidas que visam assegurar uma eficaz implementação dos objectivos de desenvolvimento da zona de intervenção. No conjunto das 14 acções que dão corpo ao PDL definem-se dois eixos estratégicos fundamentais: o reforço da competitividade das actividades económicas (agrícola, florestal e turística) e a defesa/valorização do património ambiental, paisagístico, natural e cultural.

O PDL da ADREPES propõe assim um modelo de desenvolvimento económico e social do território, que seja integrado (“em espírito de cooperação e parceria, com o envolvimento das populações), equilibrado (“quer através da exploração directa dos seus recursos

endógenos, quer através do apoio a actividades económicas conexas”), e sustentável (“na salvaguarda das identidades rurais, face a um contexto periurbano de forte pressão competitiva”).

A contribuição da ADREPES para um “desenvolvimento sustentado e integrado para a Península de Setúbal” passa pela valorização das potencialidades locais, identificando como objectivos operacionais o aumento do valor acrescentado das produções rurais, o desenvolvimento da cadeia de valor das produções e serviços da zona de intervenção, a estruturação de circuitos/redes e operadores para a comercialização de produtos e serviços locais, a criação de redes de serviços técnicos de apoio aos produtores directos e ao movimento associativo, a criação de postos de trabalho, a criação de espaços de lazer, a qualificação dos recursos humanos e, finalmente, uma consciência ambiental acrescida.

Sendo a primeira vez que a Península de Setúbal é objecto de uma subvenção para apoio ao desenvolvimento e preservação do mundo rural, a ADREPES tem feito um esforço de promoção e de divulgação dos objectivos e das acções do PDL junto das populações e das entidades representativas da região (associações de produtores, cooperativas agrícolas, adegas cooperativas, etc.), de forma a que o maior número possível de pessoas possa ter acesso aos financiamentos disponíveis.

A apresentação oficial do PDL teve lugar no dia 28 de Junho - na presença de representantes do grupo das 11 entidades, públicas e privadas, representativas das populações e dos produtores locais que se uniram para elaborar o PDL e, simultaneamente, dar origem à ADREPES -, e até ao dia 17 de Setembro a associação já tinha recebido 71 intenções de candidatura, o que

dá à ETL algumas pistas sobre que áreas devem intensificar a sua actuação no futuro.

Ainda é cedo para fazer um balanço, mas até ao final do ano, a ETL responsável pela gestão e acompanhamento deste PDL considera ser possível fazer uma avaliação dos resultados obtidos, corrigindo - se necessário - as linhas orientadoras e delinear as acções futuras, de modo a chegar ao público que menos tem acesso à informação ou aos sectores mais carenciados de apoio.



Plano de Desenvolvimento Local

Medidas, submedidas e acções - resumo

MEDIDA 1 – Investimentos

Submedida 1.1 – Investimentos em Infra-estruturas

Acção 1 – Criação e Recuperação de Espaços de Lazer

Apoio à criação, recuperação e preservação de áreas de lazer em espaços naturais de rara beleza e de elevado potencial turístico, assim como na promoção das respectivas acessibilidades, em particular no interior das áreas protegidas, de forma a possibilitar o usufruto desses mesmos espaços.

Acção 2 – Criação de Centros de Promoção da Imagem Rural e Ambiental

Apoio a iniciativas que visem a criação de centros/espacos de interpretação (análise, estudo, divulgação) da natureza e do mundo rural da Zona de Intervenção, assim como de centros de artes e ofícios tradicionais da região, tendo por objectivo informar e sensibilizar a população em geral, divulgando e preservando a identidade cultural e rural da região.

MEDIDA 1 – Investimentos

Submedida 1.2 – Apoio a actividades produtivas

Acção 3 – Criação de postos de promoção e comercialização de produtos de origem local

Apoio à criação de mercados rurais e de lojas/postos de comercialização de produtos de origem local, diferenciados e de qualidade, quer em unidades de comercialização já existentes, quer em novos locais, localizados preferencialmente junto dos centros de consumo e dos pontos de afluência turística, facilitando a acessibilidade dos consumidores aos produtos, assim como o escoamento e divulgação dos produtos locais através de adequados canais de distribuição.

Acção 4 – Criação de Micro e Pequenas Empresas

Apoio ao processo de constituição, instalação e equipamento de micro e pequenas empresas a nível local, desenvolvendo o espírito empresarial e promovendo iniciativas locais em matéria de emprego (ex.: empresas de exploração agrícola, empresas de transformação e comercialização de produtos locais, artesanato, etc.).

Acção 5 – Qualificação e Reconversão Empresarial

Apoio a projectos de investimento inovadores em unidades já existentes, com o objectivo de qualificar e modernizar as suas estruturas, melhorando a qualidade das produções tradicionais, mas também promovendo o reforço da capacidade técnica e tecnológica, a reconversão da actividade e/ou dos processos de fabrico e, consequentemente, a diversificação de produtos (ex: agricultura biológica), complementando os já existentes.

MEDIDA 1 – Investimentos

Submedida 1.3 – Outras Acções Materiais

Acção 6 – Qualificação Ambiental e Paisagística

Apoio a iniciativas de qualificação ambiental e paisagística de espaços em abandono e/ou a carecer de intervenção, por motivo de incêndio, exploração industrial ou outras.

Acção 7 – Reforço da Coesão Social

Apoio a iniciativas que visem a identificação e consequente eliminação de situações de exclusão ligadas à agricultura; a promoção e/ou integração de grupos em situação de vulnerabilidade; o reforço dos serviços de apoio a idosos rurais e a dinamização de acções e actividades específicas destinadas à camada jovem e às famílias.

MEDIDA 2 – Acções Imateriais

Submedida 2.1 – Formação Profissional

Acção 8 – Formação Profissional na área da gestão

Apoio a acções de formação de recursos humanos afectos a actividades rurais, designadamente a pequenos agricultores sem quaisquer qualificações na área da gestão empresarial.

Acção 9 – Formação e Tecnologias da informação

Apoio à realização de acções de formação que incentivem a introdução de novas tecnologias de informação nas escolas, enquanto suporte ao aperfeiçoamento do ensino relacionado com o mundo rural.

Acção 10 – Empregabilidade

Apoio e incentivo à realização de acções de formação em contexto real de trabalho, visitas de estudo, intercâmbio e integração nas empresas.

MEDIDA 2 – Acções Imateriais

Submedida 2.2 – Outras Acções Imateriais

Acção 11 – Certificação, Rotulagem, Embalagem e Divulgação de Produtos Locais de Qualidade

Apoio a um conjunto de acções de valorização e divulgação dos produtos locais de reconhecida qualidade, melhorando a imagem dos produtos, designadamente processos de certificação da qualidade de produtos e acreditação das entidades certificadoras, novas formas de apresentação dos produtos, novos rótulos e embalagens mais adequadas às tendências de mercado.

Acção 12 – Promoção Turística

Apoio à criação de rotas e itinerários turísticos e produção dos respectivos materiais promocionais, tendo em vista, por um lado, a promoção dos recursos e da qualidade ambiental da zona de intervenção, enquanto factor de suporte e sustentação do turismo, designadamente do património natural e paisagístico protegido, edificado e cultural (artes e ofícios), festas, tradições, gastronomia, práticas desportivas, e, por outro, estimular a comercialização de produtos e serviços integrados na rede da oferta turística local.

Acção 13 – Sensibilização e Informação Ambiental

Apoio a iniciativas de sensibilização ambiental e informação ambiental, designadamente ao nível das explorações florestais e agropecuárias, assim como à realização de estudos técnicos relativos ao aproveitamento dos resíduos para aplicação na agricultura ou floresta e respectiva divulgação.

Acção 14 – Promoção da Identidade da Zona de Intervenção

Desenvolvimento de técnicas de animação, nas escolas, grupos recreativos e desportivos, com vista à dignificação das populações e do território rural; desenvolver actividades culturais inovadoras, designadamente férias anuais, promoção de concertos, seminários, encontros ligados à área da cultura; instituição de prémios ligados à qualidade de determinados projectos e/ou produtos; Intervenção na área da informação: Revista, espaço radiofónico, etc.; levantamento de usos, costumes, lendas, etc..

ADREPES

Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal



“Novas oportunidades para o desenvolvimento da Península de Setúbal estão agora ao alcance das populações, dos agentes económicos, sociais e culturais da região”. É assim que Manuela Sampaio, coordenadora da Equipa Técnica

Local (ETL) da ADREPES, entende o trabalho desta jovem associação nascida da parceria realizada para apresentação ao Programa LEADER+.

Uma parceria envolvendo 11 entidades públicas e privadas, representativas das populações e dos produtores locais que tomou a elaboração do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) para o território da Península de Setúbal, com espírito de iniciativa, reflectindo desde logo um modelo de desenvolvimento assente na participação e solidariedade das populações rurais.

A estratégia começa a ser traçada ainda em 2000, com a realização das primeiras reuniões com os representantes das várias entidades envolvidas que se constituíram em Grupo de Acção Local e, ao mesmo tempo, núcleo fundador da ADREPES, mas é só no final de 2001 que se dá a constituição formal da Associação.

À fase de diagnóstico, que decorreu entre finais de 2000 e início de 2001, e que contou com a preciosa colaboração das câmaras municipais da região, a parceria constituída (encabeçada pela AMDS - Associação de Municípios do Distrito de Setúbal) chegou à identificação de um território “com fortes características rurais e com necessidade de intervenção”. Quem o diz é a coordenadora da ETL, envolvida no processo de constituição da associação quase desde o início.

“A ADREPES não quer ser uma mera executora do programa LEADER+. O trabalho pretende-se muito mais profundo”. É com estas palavras que Manuela Sampaio se refere à Associação para a qual foi convidada a desempenhar as funções de coordenadora da ETL, e cujos interesses e convicções, confessa, vão muito de encontro aos objectivos e estratégia da própria Associação.

Um desenvolvimento integrado da Península de Setúbal em espírito de cooperação e parceria, com o envolvimento das pessoas, e na salvaguarda da preservação da identidade do território, é assumido de antemão, definindo-se como um dos eixos estratégicos fundamentais do PDL.

Apresentado oficialmente no passado dia 28 de Junho, na presença dos membros dos corpos sociais da Associação e representantes de todos os seus associados, entre outros, o PDL da ADREPES reflecte isso mesmo. Um PDL que, em nome do desenvolvimento harmonioso e continuado da região da Península de Setúbal, assenta nas potencialidades do território, fazendo destas a sua principal matéria-prima.

A existência de um património natural, paisagístico, patrimonial, cultural e gastronómico vasto e riquíssimo, surge, naturalmente, como um elemento estruturante. Aliado ao clima temperado, de características mediterrâneas, todo este património oferece-se para fazer da agricultura, do turismo e da prática de actividades recreativas e de lazer, a “alavanca” do desenvolvimento que esta associação preconiza para a Península de Setúbal.

Tirar partido das potencialidades que a região apresenta, aproveitando as novas oportunidades criadas pelo Programa LEADER+, é no sentido que a ETL desta associação, constituída por três técnicos (coordenadora, um técnico superior e uma técnica administrativa), tem vindo a caminhar e pretende continuar em nome de um desenvolvimento integrado, equilibrado e sustentável das 21 freguesias de seis concelhos do Distrito de Setúbal - Alcochete, Moita, Montijo, Palmela, Sesimbra e Setúbal (com exclusão dos núcleos urbanos da Moita, Pinhal Novo e Setúbal), que a zona de intervenção integra, e que abrange 1.222,7 km² de superfície total e conta com 95.844 habitantes.

Promovendo fortemente o acesso à informação, quer seja através da formação quer através da criação de estruturas organizativas de natureza social que congreguem interesses e vocações, a coordenadora da ETL sublinha que a Associação tem vindo a fazer “um esforço de promoção e divulgação dos objectivos e das acções do LEADER+ e do PDL junto das populações e das entidades representativas da região, de forma a que o maior número possível de pessoas possa ter acesso aos financiamentos disponíveis”. A prová-lo estão as 71 intenções de candidatura recebidas até ao dia 17 de Setembro na ADREPES, e nas quais “as áreas mais abrangidas são o turismo, a certificação e promoção de produtos, e a revitalização da imagem”.

Para já, não é prudente fazer um balanço mas, graças aos dados disponíveis já é possível a esta associação saber em que áreas a ETL deverá intensificar a sua actuação, corrigindo, se necessário, as linhas orientadoras definidas, por forma a chegar aos públicos e às áreas mais carenciadas.

ADREPES

Rua 31 de Janeiro, 41 r/c

2950 - 272 Palmela

Tel: 212 337 930

Fax: 212 337 939

E-mail: adrepes@adrepes.pt

<http://www.adrepes.pt>



Manuela Sampaio
Coordenadora da ETL

“É um trabalho que me fascina”

“Os meus interesses e convicções vão muito de encontro aos objectivos e estratégia da própria ADREPES”, revela Manuela Sampaio, coordenadora da Equipa Técnica Local (ETL), quando questionada sobre as razões que a levaram a optar pelo trabalho na associação.

Licenciada em Gestão e Administração de Empresas, pela Universidade Católica, o percurso profissional de Manuela Sampaio esteve sempre ligado ao sector privado. “Tenho sido directora administrativa e financeira em várias empresas de áreas diversas”. Um percurso que reconhece “não tem nada a ver com o meio rural propriamente dito”, mas que não invalida os seus interesses na temática do desenvolvimento local. “É um trabalho que me fascina, pois tem a ver com os meus próprios interesses e a vontade de trabalhar nesta área”.

Natural de Luanda, Angola, Manuela Sampaio reconhece que essa questão foi-lhe colocada antes de integrar o corpo técnico da associação. “Não sendo de cá, e não pertencendo ao meio rural, como é que poderia integrar-me”. A resposta da coordenadora da ETL da ADREPES assentou na sua experiência. “Já trabalhava cá (em Setúbal) há alguns anos”.



Nuno Romão
Técnico Superior

Responder a um “desafio”

“A ligação à Península de Setúbal é muito grande”. É assim que Nuno Romão, técnico superior da ETL da ADREPES, explica a afectividade e a opção de trabalhar nesta região. Nascido, criado e formado em Lisboa, Nuno sempre teve família em Setúbal e, por isso, admite sempre teve uma grande ligação com esta. “Até sou sócio do Vitória de Setúbal”, confidencia.

Formado em Economia no ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão, Nuno Romão passou oito meses no Centro Jacques Delors. A experiência “deu-me alguns conhecimentos sobre os assuntos europeus, nomeadamente comunitários”.

Mais tarde, ingressou na CDR - Cooperação e Desenvolvimento Regional (Agência de Desenvolvimento Regional de Setúbal). O conhecimento que tinha da região ficou ainda mais sólido com esta experiência “porque aí tive um maior contacto com a realidade”. Foi durante este período na CDR que Nuno Romão participou na discussão do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal (AMDS) que viria a estar na base do aparecimento da ADREPES.

“O desafio de criar uma associação” foi demasiado sedutor. É então que Nuno decidiu pôr fim a uma relação de dois anos e meio com a CDR e embarcar numa nova aventura. Candidatou-se e foi seleccionado. Entre os trunfos que apresentou no currículo conta-se a frequência do mestrado em Economia e Gestão do Território, no ISEG, que, considera lhe deram um grande interesse pela temática do desenvolvimento local. Ao mesmo tempo, reconhece que “o facto de ter trabalhado na elaboração do PDL também foi importante”, decisivo até.



Mónica Silva
Técnica Administrativa

Esperar pela “pessoa certa”

Desde há um mês e meio para cá, Mónica Silva é o primeiro rosto e voz da ADREPES. Atenta à especificidade do trabalho administrativo numa Associação de Desenvolvimento Local, a ADREPES foi exigente na escolha. Segundo a coordenadora da ETL, Manuela Sampaio, “até agora não tínhamos uma administrativa porque esperámos até encontrar a pessoa certa”.

Com o 12º ano, Mónica vem de uma experiência de trabalho na AFLOPS - Associação de Produtores Florestais do Distrito de Setúbal, onde esteve integrada no Projecto Life. “Como o projecto acabou, nós convidámos a Mónica para vir trabalhar connosco. E cá está...”.

FICHA TÉCNICA

Órgãos Sociais

Mesa da Assembleia-Geral: Presidente Pedro Fontes | Secretários Filipa Bonita e Fernando Cristovão Rodrigues | **Direcção:** Presidente António Pombinho (C.M. Setúbal) | Directores Alice Almeida (CDR), Anabela Santos (C.M. Sesimbra), José Miguel Lupi Caetano (AFLOPS) e Henrique Soares (CVRPS) | **Conselho Fiscal:** Presidente Carlos Morais | Vogais Luís Santos Mendes e Raul Atalaia

Corpo Técnico / Estrutura Técnica LEADER+ (ETL)

Coordenadora da ETL Manuela Sampaio | Técnico Superior Nuno Romão | Técnica Administrativa Mónica Silva

Parceiros Associados

AMDS - Associação de Municípios do Distrito de Setúbal; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Sesimbra; AFLOPS - Associação de Produtores Florestais do Distrito de Setúbal; APISET - Associação de Apicultores da Península de Setúbal; ARCOLSA - Associação Regional de Criadores Ovinos Leiteiros da Serra da Arrábida; AVIPE - Associação de Viticultores do Concelho da Palmela; CDR - Cooperação e Desenvolvimento Regional, SA (Agência de Desenvolvimento Regional de Setúbal); CVRPS - Comissão Vitivinícola Regional da Península de Setúbal; Teatro “O Bando”

Jornal Terras do Cante

Foi aprovado na primeira Unidade de Acompanhamento do GAL LEADER+/Terras Dentro o projecto para a edição de seis números do Jornal Terras do Cante. Este jornal é promovido pela Associação Terras Dentro desde há largos anos e pretende ser um meio de implementação do LEADER+, de mais promoção e de desenvolvimento e ainda prestar um serviço de cidadania às populações da nossa Zona de Intervenção.

Terras Dentro

Adventure Paper Sardoal 2002

Realizou-se no passado dia 21 de Setembro mais um Adventure Paper Sardoal. Concebido a partir da filosofia de um Rally Paper e integrado nas Festas do Concelho, a edição deste ano juntou centena e meia de participantes, divididos por 33 equipas, que aceitaram o desafio de descobrir o Ribatejo Interior.

Na primeira etapa, orientando-se por cartografia e road-books, os participantes foram confrontados com várias actividades de aventura e perguntas de observação ao longo de 45 quilómetros percorridos em viatura. Na segunda etapa, desta vez a pé e com mais cinco novas equipas, os participantes percorreram a vila de Sardoal, conhecendo factos e espaços que constituem o rico património do Ribatejo Interior.

No final, os participantes reuniram-se no quartel dos Bombeiros (porque as condições meteorológicas não permitiram que fosse na Fonte das Três Bicas) para um jantar durante o qual os bem dispostos aventureiros do Interior do Ribatejo foram premiados com cabazes de produtos locais. Integrado numa estratégia de dinamização e divulgação das potencialidades e dos operadores de animação turística do território, o Adventure Paper Sardoal 2002 foi uma organização da MKTAGUS - estrutura operativa constituída pela Associação para o LEADER+ com o objectivo de dar a conhecer o território e as intervenções de desenvolvimento local - sendo um exemplo nesta iniciativa a passagem pela cooperativa ARTELINHO e o almoço nos renovados Moinhos de Entrevinhas - dois projectos apoiados pela Tagus no âmbito do Programa LEADER II.

Tagus



Tagus

Territórios de Montanha

Espaços para viver ou locais de fruição?



Discutir as problemáticas e as potencialidades ligadas às regiões de montanha foi o principal objectivo que levou a ADIBER a organizar, no passado dia 8 de Agosto, o seminário “Territórios de Montanha: espaços para viver ou locais de fruição?”.

Com a realização deste seminário, integrado no programa da X FACIG - Feira Agrícola, Comercial e Industrial de Góis, a ADIBER procurou assinalar a passagem do Ano Internacional das Montanhas - proclamado pela ONU com o claro intuito de chamar a atenção para a importância destes ecossistemas no contexto actual - promovendo, assim, o debate sobre a multifuncionalidade que deverá estar associada ao desenvolvimento sustentado destas regiões.

Entre os vários convidados que deram corpo ao programa, aqui fica um excerto da intervenção do presidente da direcção da ADIBER, José Cabeças.

“A ADIBER aceitou o desafio lançado pelas Nações Unidas neste ano de 2002 e pretende discutir o uso/fruição múltiplos da montanha: território onde é possível viver e desenvolver um projecto de vida, seja como local de lazer e turismo, melhorando as condições de vida das populações locais, bem como perpetuando um inestimável património natural.

Acreditamos na complementaridade das diferentes utilizações para os espaços de montanha, desenvolvendo-as em conjunto e de forma integrada, em concertação e de articulação gerada e fomentada por todos os parceiros interessados neste processo, desenhado de forma participada por todos, com sentido de futuro, portanto sustentável.

A imagem de uma região de montanha deverá ser a demonstração do que de melhor aí se faz, centrada nas suas amenidades, nas potencialidades endógenas devidamente valorizadas, qualificadas e que sejam postas ao serviço da mesma região, gerando aqui as mais valias necessárias à melhoria da qualidade de vida das populações.

A construção de uma Imagem de Marca para a Região da Beira Serra, não é um projecto de hoje. Desde há muito que a ADIBER, enquanto parceiro para o desenvolvimento local e regional, aposta na definição dos seus contornos e na concretização de algumas componentes. Ao nível dos produtos locais podemos dar o exemplo do “Cabaz da Beira Serra”, enquanto mostruário de um conjunto de produtos locais valorizados, que não existiam até esta data de forma organizada, estão agora em condições de serem colocados nos mercados e gerarem os rendimentos para os produtores locais.

Este projecto nasceu graças ao dinamismo demonstrado por alguns promotores locais, e apesar do Programa LEADER II ter assumido uma importância decisiva no seu apoio, existiram outros instrumentos financeiros que de forma complementar constituíram um sério contributo.

O desenvolvimento de um produto turístico ligado à natureza, que seja ao mesmo tempo diversificado e de qualidade, baseado nas potencialidades instaladas e capaz de as “pôr a render” em favor da economia local.

A imagem da região deve ser alicerçada no reforço da qualificação do Potencial Humano instalado nas comunidades locais, vivificadas através da aposta na fixação da população jovem e em idade activa, ocupadas em actividades locais, tradicionais ou não, que permitam o sustento das famílias. Pretendemos de uma vez por todas ultrapassar o “drama da ausência” que nos persegue: a falta de gente.

Apostamos numa região civicamente activa e culturalmente criadora com Instituições e organizações funcionais e cooperantes. Com um património natural e edificado protegido e dignificado, que permita actividades múltiplas que animem as respectivas comunidades. Queremos uma região coesa, com as assimetrias territoriais, produtivas e sociais atenuadas, diversa mas complementar, apostada nas suas vantagens comparativas mas solidária, que se distinga de outras pela positiva. Queremos um território vivo, criativo e empreendedor. Em suma, queremos uma região da Beira Serra onde valha a pena viver com dignidade, qualidade e futuro.”

ADIBER

Cimeira da Terra

As ONG Portuguesas em Joanesburgo

Lisboa – Joanesburgo – Lisboa. Com um bilhete de avião para Joanesburgo numa mão, a acreditação para a Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável na outra, a INDE integrou o grupo de seis ONGA e ONGD, que a Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento (FLAD) levou à Cimeira da Terra.

A profusão de informação, documentação, conferências, debates, workshops, etc. estimularam e alimentaram a reflexão sobre uma estratégia mundial/nacional de desenvolvimento sustentável, já iniciada em Portugal, nomeadamente no âmbito do concurso organizado pela FLAD.

As Organizações Não Governamentais Portuguesas presentes na Conferência das Nações Unidas, atentas ao desenvolvimento das negociações e ao respectivo envolvimento nacional, tomaram a iniciativa de unir as vozes do ambiente e do desenvolvimento para apresentar um conjunto de propostas e reflexões a Durão Barroso, presente em Joanesburgo. Este documento foi entregue no quadro de uma reunião entre o Primeiro-Ministro, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, o Ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente e as ONG presentes na África do Sul.

Deu-se, assim, início a um diálogo entre o governo e a sociedade civil sobre a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável, sujeita no futuro próximo a um processo de revisão e, doravante também, sob a coordenação do chefe do governo.

Em simultâneo, na outra ponta da cidade, mais precisamente, no Fórum Global da Sociedade Civil, a INDE, em representação da Plataforma Portuguesa das ONGD, participava num encontro informal, que juntava debaixo da bandeira da língua de Camões, associações de Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique.

Para falar de desenvolvimento sustentável existe, obviamente, uma necessi-

dade prévia, que consiste no fundo a dizer: “a comunicar é que a gente se entende”, de preferência na mesma língua. A língua portuguesa, com certeza!, tornou-se num cavalo de batalha para estas associações que querem pôr em comum a sua experiência, as suas reflexões sobre o desenvolvimento sustentável. E como os canais da rede não têm fronteiras espaciais ou temporais, o Grupo de Trabalho dos Lusófonos decidiu continuar a comunicar através de uma lista de discussão electrónica (gt-lusofonos@yahoo.grupos.com.br). Por outro lado, a nível dos diversos países de língua portuguesa, constituir-se-ão redes nacionais que, por sua vez, integrarão vários fóruns temáticos.

Finalmente, não queremos deixar de mencionar um momento clímax da participação dos onze membros das ONG Portuguesas in loco na grande e pacífica manifestação da sociedade civil. No dia 31 de Agosto, debaixo de um sol arrasador, protegidos por chapéus improvisados em papel jornal, desfilaram 11 quilómetros, erguendo, orgulhosamente, bandeiras com “sim ao mundo, não ao lucro!” e “sim às pessoas, não ao lucro!”.

Maria do Rosário Aranha
maranha@inde.pt



As ONG portuguesas presentes na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, reunidas em Joanesburgo, apresentaram no dia 1 de Setembro de 2002 um conjunto de reflexões e propostas referentes ao processo de desenvolvimento sustentável, quer no contexto da Cimeira, quer no âmbito das questões do desenvolvimento sustentável em Portugal. O documento foi entregue ao Primeiro-Ministro no dia 2 de Setembro em Joanesburgo.

“No âmbito da cimeira, consideramos que:

1. A presença e participação do Primeiro-Ministro, do Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, do Ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente, manifesta um empenho do Governo Português na procura de soluções políticas e de um plano de acção internacional em favor do desenvolvimento sustentável e da concretização dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, relacionados com a erradicação da pobreza.
2. Muitos dos temas já acordados ficaram longe das legítimas expectativas, nomeadamente: recursos naturais, saúde reprodutiva, consumo e produção sustentáveis.
3. Muito embora tenha sido dado mais enfoque à gestão e governação dos oceanos, zonas costeiras e ilhas, não foi reconhecido o seu papel inestimável na erradicação da pobreza, na segurança alimentar e no desenvolvimento sustentável, em particular para os estados em desenvolvimento.
4. No decurso da segunda semana da Cimeira devem fixar-se as metas inicialmente propostas, designadamente, a diminuição em 50% da população sem acesso à água potável e saneamento (...); atingir um nível de utilização de energias renováveis que represente 15% do total de energia utilizada (...); reafirmar o compromisso para a APD (Ajuda Pública ao Desenvolvimento) de, pelo menos, 0,7% do PIB.
5. Está em risco um retrocesso face aos compromissos internacionais anteriormente consagrados, nomeadamente no que se refere ao princípio das responsabilidades comuns mas diferenciadas. (...)
6. O Governo Português deve colocar um maior empenho para que se estabeleça um compromisso inequívoco em relação aos direitos humanos, boa governação e estado de direito. Esforços devem igualmente ser feitos para impedir que os trabalhos da cimeira se concluam sem um compromisso - com metas e calendário - de eliminação progressiva dos subsídios e créditos à exportação, por parte dos EUA e da UE, bem como ao nível de medidas concretas de criação de condições para que os países em desenvolvimento possam aceder aos mercados internacionais.
7. É essencial que, no imediato seguimento da Cimeira, a Comunidade Internacional proceda a uma reforma urgente da OMC e das Instituições Financeiras Internacionais, de modo a integrar na suas acções o primado dos direitos humanos e do desenvolvimento sustentável. (...)
8. O Plano de Acção apresenta uma fragilidade global, nomeadamente no que se refere à falta de integração entre as componentes ambiental, social, institucional e económica (...).

No âmbito das questões do desenvolvimento sustentável em Portugal:

1. As ONG Portuguesas congratulam-se com o facto, recentemente anunciado pelo Governo, de a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (ENDS) passar a ser coordenada pelo Primeiro-Ministro e de estar decidido proceder à sua revisão no quadro das decisões da Cimeira de Joanesburgo.
2. Neste sentido, a ENDS deverá ser objecto de revisão profunda até ao final do ano, visando apresentar objectivos/metast numa visão de médio e longo prazo, incluindo indicadores de desenvolvimento sustentável (...).
3. No seguimento dos encontros paralelos que decorrem em Joanesburgo envolvendo parlamentares e autarcas, sugerimos que o Governo dê particular ênfase e apoio à actuação dos municípios na definição dos planos e agendas de desenvolvimento sustentável a nível local e regional.
4. Apelamos a um esforço integrado de cada membro do Governo, da saúde e educação à economia, das finanças às obras públicas, para integrarem nas suas políticas e no seu discurso objectivos que mostrem uma preocupação real na promoção do desenvolvimento sustentável a nível nacional.
5. Reveste-se de particular importância o papel de liderança que Portugal poderá ter a nível internacional no desenvolvimento de uma política de oceanos (...) para se atingir o desenvolvimento sustentável.
6. As políticas de cooperação nacionais e europeias deverão estar vinculadas aos objectivos de desenvolvimento sustentável. A participação da sociedade civil organizada na definição, implementação e avaliação dessas políticas de cooperação, é um factor que facilitará a vínculo das mesmas ao desenvolvimento sustentável.
7. Deseja-se que nas parcerias a desenvolver pelo Estado com outros Estados, haja envolvimento de ONG portuguesas e dos países abrangidos, na concretização de projectos que combinem ambiente e desenvolvimento de forma adequada e integrada. (...)
8. Propomos que a Educação para o Desenvolvimento seja integrada nos currículos escolares, na agenda dos media e na sensibilização dos agentes económicos para a responsabilidade social. A Educação para o Desenvolvimento, é já uma prática promovida por várias ONG portuguesas e pretende promover a sensibilização da opinião pública para os problemas do desenvolvimento sustentável em Portugal e na relação entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento. (...) “

ONG signatárias:

APDC – Gabinete de Estudos e Projectos de Cooperação
CPADA – Confederação Portuguesa de Associações de Defesa do Ambiente
GEOTA – Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente
INDE – Intercooperação e Desenvolvimento
LPN – Liga para a Protecção da Natureza
OIKOS – Cooperação e Desenvolvimento
Plataforma Portuguesa das ONGD
QUERCUS – Associação Nacional de Conservação da Natureza

Investir no futuro, investindo na agricultura

O Programa AGRO dispõe, para além das medidas e acções indutoras do investimento corpóreo nas empresas, de possibilidades de financiamento em áreas tão estratégicas quanto a qualificação dos recursos humanos, a organização, a prestação de serviços especializados, o desenvolvimento tecnológico e a informação.

Uma das componentes mais importantes de uma política agrícola que incremente o bem estar económico e social das populações rurais reside na manutenção de um ritmo de investimento que, ao mesmo tempo que melhora e consolida infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento, aproveita e incentiva a valorização da produção de bens ou serviços estimulando e satisfazendo uma procura promotora da autosustentabilidade da economia dos territórios agrícolas e rurais.

Esta linha de rumo justifica todo o enquadramento da concepção do Programa AGRO, principal instrumento de apoio ao investimento do sector agroalimentar com financiamento dos Fundos Estruturais no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

De facto, sem perder de horizonte e objectivo a absoluta necessidade do sector empreender uma modernização que aproxime as empresas agrícolas e agroalimentares dos níveis de capacidade competitiva exigíveis no actual contexto de mercados sem fronteiras e sem barreiras (ainda que por vezes esta pureza de mercado tenha as suas vicissitudes e jogos de força) o Programa AGRO dispõe, para além das medidas e acções indutoras do investimento corpóreo nas empresas, de possibilidades de financiamento em áreas tão estratégicas quanto a qualificação dos recursos humanos, a organização, a prestação de serviços especializados, o desenvolvimento tecnológico e a informação.

O AGRO é ainda complementado por um conjunto vasto de acções de incentivo, algumas delas com carácter inovador, inseridas na Medida desconcentrada de agricultura e desenvolvimento rural do III QCA, conhecida como Medida AGRIS. Nesta linha de apoio consagram-se oportunidades de financiamento a projectos promotores da mobilização dos recursos naturais, da manutenção e melhoria das condições de uma agricultura familiar, quiçá não competitiva, mas ocupante e valorizadora dos espaços rurais, bem como da organização económica das instituições agrícolas que actuam no meio rural.

1,7 mil milhões de Euros

Os recursos financeiros do Programa AGRO disponíveis para apoiar as iniciativas de modernização rondam 1,7 mil milhões de Euros com uma vertente muito forte, cerca de 80 %, da programação, vocacionada para o financiamento de projectos de investimento privado nas áreas da agricultura, da comercialização e transformação dos produtos agrícolas e da floresta.

Para além das Medidas 1, 2 e 3 do Programa que apoiam o investimento nas empresas, respectivamente, agrícolas, agro-industriais e florestais,



Paula Marcos dos Santos

o AGRO dispõe ainda de incentivos para consolidação ou conclusão de empreendimentos hidro-agrícolas de interesse estratégico para a agricultura portuguesa (Medida 4), de apoios à formação profissional especializada (Medida 7), de financiamento a projectos de demonstração e de novas tecnologias (Medida 8, Acção 1), de apoio à prevenção dos riscos de utilização de fitofármacos (Medida 8, Acção 2), de incentivos a projectos visando a criação de serviços rurais especializados (Medida 10) e de possibilidades de financiamento a infra-estruturas tecnológicas (Medida 9).

Pese embora as vicissitudes e o tempo de espera no arranque destes programas de incentivo (em grande parte como consequência dos ajustamentos, organizativos e regulamentares, que a Comissão Europeia registou nos anos de 1999 e 2000) a procura dos apoios disponíveis tem sido elevada, sendo cerca de 18 000 as candidaturas que mereceram aprovação, totalizando um investimento total de 1,4 mil milhões de Euros e incentivos atribuídos de 822 milhões de Euros. Para além de continuar a querer manter um ritmo forte de análise de intenções de investimento e candidaturas às diferentes Medidas, numa perspectiva de poder decidir em tempo compatível com as expectativas dos agentes económicos e outros beneficiários, a gestão do Programa tem como grande desafio, muito brevemente colocado em prática, de proceder a uma desburocratização dos processos de candidatura, sem prejuízo do rigor de análise e de cumprimento das regras básicas de acesso ao financiamento, valorizando sobretudo as acções de acompanhamento da realização.

Com as oportunidades de apoio criadas pelo Programa, também pela Medida AGRIS, aposta-se fundamentalmente no desenvolvimento das potencialidades de uma agricultura que, nas suas diferentes funcionalidades, se assume e assumir-se-á sempre como plataforma de futuro.

Tito Rosa
Gestor do Programa AGRO



Fátima Martins, lisboeta, cidadã em Basto

Mudar de vida para continuar a sonhar

Filha de uma ribatejana e de um alentejano, é na capital que cresce, estuda e inicia a sua carreira profissional sem nada que fizesse prever o corte e a rotura que a faz optar por Trás-os-Montes e pelo artesanato, numa paixão que a devora já lá vão mais de seis anos. Mas a vida tem às vezes desígnios insondáveis. Hoje em dia, Fátima Martins é cidadã em Mondim de Basto e uma artesã respeitada por todo o país.

Nascida e criada em Lisboa, nem sequer teve grande contacto com o mundo rural. Nas férias, costumava dar uma saltada ao Ribatejo, a Santa Margarida, terra da mãe. Mas não parece manter grandes recordações desse espaço “desorganizado e poluído”. Após os estudos inicia a sua vida profissional no “Diário de Notícias”, não como jornalista mas na área do marketing, o que inicialmente a entusiasma e onde pode afirmar a sua criatividade artística que já lhe fizera, em miúda, querer frequentar a Escola de Artes António Arroio. Mas “as meninas então iam para o liceu”...

A rotina do trabalho e da vida de uma grande urbe começam a pouco e pouco a corroer o sonho e a ambição de uma vida diferente. Ao fim de quinze anos de trabalho em pleno coração de Lisboa “...passa-lhe uma coisinha má pela cabeça” e sente muito forte a necessidade de algo novo. Começa a fazer psicoterapia, o que não a impede de ter um sério esgotamento. E é precisamente em fase de tratamento que Fátima Martins e o marido iniciam uma viagem pelo Interior na busca de um vale perdido descoberto numa reportagem – o Vale da Campeã. Começam pelo Douro, fixam-se no Vale da Campeã e pretendem seguir depois para as Astúrias. Mas é na Campeã que lhes dão a indicação de Mondim e de uma casa de turismo rural naquela vila. As Astúrias já não se concretizam e inicia-se, lentamente, a descoberta de um novo mundo. Percorrendo os montes do Alvão, num Agosto chuvoso, com os montes floridos, Fátima fica deslumbrada com as formas dos arbustos de urze, simulando pequenos “bonsai”. E a criatividade rebenta, a urze vai-se juntar aos potes de Bisalhães em arranjos decorativos que se vêm a revelar muito vendáveis no seu regresso a Lisboa.

Começa a descobrir, em conversa com as pessoas que a abrigam e nos passeios pela região, que este era o sítio onde queria viver. E cita Agostinho da Silva: “nós não somos necessariamente do sítio em que nascemos”. Mas uma tal mudança só se poderia concretizar com uma actividade concreta. Que fazer então?

Uma loja de artesanato e uma marca

Toda a gente em Mondim de Basto lhe falava da qualidade e da delicadeza do artesanato do linho. Mas não era fácil encontrá-lo, na vila não se vendia uma única peça. Pareceu-lhe pois que uma loja de artesanato poderia fazer sentido. E partiu à descoberta dos artesãos, munida de cartas da Câmara Municipal e do Parque do Alvão. Existiriam artesãos? Descobriu imensos. Havia pois matéria-prima que justificava a criação da loja. A sua experiência profissional em marketing e publicidade deverão tê-la feito acreditar que era possível. Concebe um projecto de loja de artesanato que candidata em 1995 ao Programa IDL, através do NERVIR (Núcleo Empresarial de Vila Real). E é então que nasce a Romarigues, nome cheio de significado e simbologia em Basto. A

escolha é intencional, Fátima descobre com amigos a lenda de Basto e desse frade do Mosteiro de Refojos que, perante o avanço dos mouros para norte decide pegar em armas e defender o território de influência do Mosteiro proclamando “até aqui, até aqui basto eu!”. O frade chamava-se Hermígio Romarigues, e bastou! Os mouros tiveram que contornar a região de Basto, deixando os frades e as populações em paz. E este antigo nome português – Romarigues - associado à ideia de autonomia e de querer foi usado para baptizar um projecto que implicava precisamente isso – autonomia e querer.

Foi um ano duro, o ano de 1996, em que a loja é lançada. Fátima Martins mantém ainda o emprego em Lisboa, que a família e os dois filhos não são compatíveis com aventuras absolutas. Em Mondim ficam o marido, que arrisca outra actividade, e uma cunhada, que assegura a loja.

A Romarigues Artesanato começa em Junho de 1996. Logo em Julho fazem a FIL artesanato, em Lisboa, e conseguem transportar cerca de 20 mil euros de produtos dos artesãos locais. O que significa um sério capital de confiança, num mundo sempre muito desconfiado e cioso. Capital de confiança que tem vindo a ser gerido ao longo dos tempos se bem que a lenta evolução da casa tenha sido passar gradualmente compra do produto para a compra do trabalho. Ajustando-se aos gostos e aos interesses dos clientes que vai descobrindo, Fátima Martins orienta a produção, encomendando o seu fabrico às artesãs locais. E os produtos começam a surgir no mercado com a marca Romarigues, uma marca que conquistou o seu espaço e que se afirma já como uma garantia de qualidade.



Francisco Borelho

A necessidade de certificação de qualidade

Aliás, a qualidade é uma coisa que preocupa Fátima Martins e a Romarigues. O artesanato é permanentemente confrontado com peças industriais e semi-industriais, das mais diversas proveniências, que estabelecem uma série concorrência em termos de preços. Como garantir no mercado que as peças são verdadeiramente artesanais, recorrendo a matéria-prima local e utilizando padrões e tecnologias locais?

Esta é uma questão recorrente, que a Romarigues tem discutido com muita gente. Sem encontrar uma solução. A não ser a da sua própria casa. As peças que comercializa são acompanhadas de etiqueta que informa: “peça tecida em tear manual assim como todos os acabamentos são feitos com os métodos tradicionais”. E uma outra etiqueta que acompanha as peças transformadas informa simplesmente “elaborado em Portugal”.

O reconhecimento da marca e a informação cuidada são a forma encontrada por Fátima Martins para afirmar e certificar as suas peças. Mas não deixa de desejar que um dia, uma instituição credível, possa certificar o artesanato de Basto. Para que não haja dúvidas relativamente à sua mais-valia e, com isso, possa ser valorizado economicamente o trabalho dos artesãos locais.

Uma empresa que se vem afirmando

Com seis anos de trabalho, a Romarigues Artesanato dá emprego directo a cinco pessoas. Na gestão da empresa está o marido que conta actualmente com a colaboração de uma estagiária. Na produção, a Fátima Martins “a Romarigues sou eu, é a minha paixão...” e a Fernanda. Mais uma trabalhadora, num programa de reinserção social. Indirectamente dão trabalho a 15 artesãs na área da tecelagem. E actualmente Fátima afirma “eu podia vender o dobro, mas para isso precisava de ter o triplo (de pessoal).” E se o grosso do trabalho lhe vem do têxtil, a Romarigues Artesanato não deixa de comercializar os barros, a cestaria e o agro-alimentar. Respondendo, cada vez mais, às solicitações do mercado. Mais do que a venda, a empresa afirma-se agora pelas encomendas. Encomendas que surgem da decoração ou da necessidade de ofertas. “As pessoas cada vez mais me pedem soluções”, diz entusiasmada.

Com uma loja em Mondim de Basto, a sede da empresa, e uma outra em Vila Real (que é mais uma montra de exposição e que, tendo sido aberta com base num protocolo com o Centro Cultural local, se encontra actualmente fechada por não haver no Centro de Emprego desempregados disponíveis para assegurar a sua abertura), a principal actividade da empresa é, no entanto, a presença em feiras. De início as feiras de artesanato, recentemente, e cada vez mais, as feiras de decoração. Onde os produtos têxteis apresentados são o ponto de partida para a entrega de encomendas. Mais uma vez, a procura de soluções.

Pelo país, algumas lojas e hotéis apresentam e comercializam peças Romarigues. É o caso, por exemplo, da Loja do Mundo Rural em Lisboa, uma das melhores clientes no Natal passado.

Nestes últimos seis anos, dois prémios deram notoriedade ao trabalho de Fátima Martins (a senhora Romarigues por essas feiras além). Em 1996 mereceu o prémio de melhor empresa de artesanato, lançado pela AIP - 1500 contos de prémio que foram uma ajuda preciosa na fase de lançamento. Em 1999, na Feira de Artesanato de Aveiro, uma peça Romarigues - uma toalha de mesa de “manteses” e bainhas abertas, com linho local - recebeu o 1º



Francisco Botelho

prémio de artesanato têxtil. Para a Fátima ficou o orgulho do prémio, para as artesãs que a fizeram ficou o prémio pecuniário. Porque a Fátima, quando concorre aos prémios, faz questão de nomear as artesãs que nela trabalharam. “Eu posso ser o coração da Romarigues, mas o coração não trabalha sozinho, depende de tudo o resto”. Foi por isso que se recusou recentemente a concorrer ao prémio nacional de artesanato com uma peça exclusivamente em seu nome.

Uma mulher integrada e feliz

Não se pode falar com Fátima Martins sem lhe sentir o entusiasmo, o fogo e a paixão. Soube cortar com a rotina do passado e dar corpo ao sonho de recomeçar a vida fazendo aquilo que gosta. “Não me arrependi nunca da decisão que tomei, nem tive dúvidas. Mesmo quando as lágrimas correram pela cara abaixo com as contrariedades”. E nota-se o orgulho em ser responsável pelo ganha pão de cerca de 20 pessoas. E a alegria de poder continuar a criar e a emprestar a sua criatividade na “descoberta de soluções”. E a satisfação de uma actividade que lhe permite uma permanente relação com as pessoas. Um pouco por todo o lado. Para ela Mondim e Basto é cada vez mais o seu recanto e o da família. Mesmo que o filho mais velho suspire por Lisboa e a filha mais nova ao afirmar que quer viver em Mondim não deixe de dizer que “é de Lisboa”.

Nas sociedades rurais a aceitação social não é automática. O sucesso empresarial ajuda, mas não é tudo. Fátima é hoje uma pessoa querida na sua terra de adopção. Respeitada como empresária, tendo assumido recentemente funções directivas no NERVIR. E respeitada um pouco por todo o lado. Esta mulher cheia de vida e de entusiasmo vem provando há anos que é possível viver do artesanato, rentabilizando-o economicamente e, simultaneamente, valorizando-o como produto e valorizando os artesãos anónimos que lhe dão corpo.

Um dia, Basto há-de reconhecer-lhe o trabalho. Para já fica o seu exemplo. E a coragem de recusar a rotina e de perseguir o sonho. E de viver a vida com paixão.

Francisco Botelho
frbotelho@inde.pt

III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro

26, 27 e 28 de Setembro

A terceira edição do Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro, promovida pela Associação de Municípios de Trás-os-Montes e Alto Douro (AMTAD) e pela Federação das Casas de Trás-os-Montes e Alto Douro, que se realiza em Bragança, no Cine-Teatro Torralva, entre os dias 26 e 28 de Setembro, pretende discutir de uma forma ampla as questões da identidade e cidadania dos transmontanos e alto-durienses, a promoção da Região e uma estratégia de desenvolvimento, assente na convergência das várias capacidades, quer pessoas quer institucionais.

Para mais informações contactar
AMTAD
Tel.: 259 518280/1/2 / Fax: 259 518289
E-mail: amtad@clix.pt

IX Feira Nacional de Artesanato e Tasquinhas de Pombal

26 a 29 de Setembro

Artesãos de todo o país reúnem-se de 26 a 29 de Setembro no Parque Tir, em Pombal, na IX Feira Nacional de Artesanato e Tasquinhas. Para além do artesanato, a gastronomia também marcará presença com os melhores petiscos do concelho. Quer seja pela gastronomia quer pelo artesanato, espera-se que a edição deste ano comprove o sucesso das anteriores.

Para saber mais
Região de Turismo Leiria/Fátima
Tel.: 244 848773
E-mail: info@rt-leiriafatima.pt

Dia Mundial do Turismo

27 de Setembro

Comemora-se a 27 de Setembro, o Dia Mundial do Turismo que, este ano, se insere no âmbito do Ano Internacional do Ecoturismo. Uma deliberação da Organização Mundial do Turismo que pretende evidenciar a importância do ecoturismo para o desenvolvimento sustentável do sector e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para os produtos específicos ligados ao turismo de Natureza. Para assinalar a data, a Região de Turismo Leiria/Fátima vai oferecer pequenas lembranças aos turistas nos seus Postos de Informação e Turismo e vai lançar uma colecção de nove gravuras de fotografias antigas da Nazaré. E ainda, pelas 22 horas, no Castelo de Leiria, terá lugar a abertura oficial do VII ACASO - Festival de Teatro, com o espectáculo "A dança do Diabo".

Região de Turismo Leiria/Fátima
Tel.: 244 848773
E-mail: info@rt-leiriafatima.pt

Challenge "Nascentes do Alviela"

27, 28 e 29 de Setembro

A Câmara Municipal de Alcanena e a ADIRN, com o apoio do LEADER+, promovem o Challenge "Nascentes do Alviela". Pelo terceiro ano consecutivo, as Nascentes do Alviela, em Alcanena, voltam ser palco de um fim-de-semana de desporto-aventura. Canoagem, provas de orientação e obstáculos, BTT e uma Ceia de produtos regionais são os grandes atractivos do programa. Uma organização da Templar.

Para mais informações e inscrições
ADIRN
Tel.: 249 310 040 / Fax: 249 310 049

Feira de Zafra

3 a 9 de Outubro

A Associação Terras Dentro, em cooperação com o GAL estremeño CEDECO, vai estar presente na Feria Internacional Ganadera de Zafra. Uma feira de grande importância agrícola e turística, onde os produtos locais da Zona de Intervenção da Terras Dentro serão promovidos com o propósito desenvolver o tema federador do LEADER+/Terras Dentro "Os Produtos Locais de Qualidade".

Para saber mais
Terras Dentro
Tel.: 266 948 070 / Fax: 266 948 071
E-mail: atd@terrasdentro.pt

Rural Beja

9 a 13 de Outubro

As associações de desenvolvimento local do Alentejo, ADER-AL ADL, Alentejo XXI, Esdime, Leadersôr, Monte-ACE, Rota do Guadiana, Terras Dentro, Terras do Baixo Guadiana e Vicentina estão a preparar uma participação conjunta na 1ª edição da Rural Beja, a decorrer entre os dias 9 e 13 de Outubro, em Beja. A divulgação das potencialidades e oportunidades oferecidas pelos PDL de cada associação constitui o objectivo central desta participação conjunta que se organiza em torno da realização de uma exposição e de um colóquio. A exposição irá decorrer durante todo o período de realização do certame e o colóquio - intitulado "O Programa LEADER e o Desenvolvimento Local" acontecerá dia 10 e contará, entre outros, com a presença do Gestor do LEADER+.

A notícia chegou-nos da Terras Dentro e da Alentejo XXI.

Para saber mais contactar
ADER-AL (245 366723), ADL (269 827233),
Alentejo XXI (284 318395), Esdime (284 650000),
Leadersôr (242 291226), Monte-ACE (266 490090), Rota do
Guadiana (284 540220), Terras Dentro (266 948070), Terras
do Baixo Guadiana (281 546285) e Vicentina (282 680120)

Curso de Especialização em Desenvolvimento Local

Inscrições até 14 de Outubro

Encontram-se abertas as inscrições para frequência do "Curso de Especialização em Desenvolvimento Local" promovido pelo Programa Delnet - um programa de apoio ao Desenvolvimento Local do Centro Internacional de Formação da OIT (agência especializada das Nações Unidas, com sede em Turim, Itália).

Inscrições e outras informações
E-mail: delnetportugues@delnetitcilco.net
http://www.itcilco.it/delnet

Ciência para a sociedade - Ciência com a sociedade

14 e 15 de Outubro

De que forma a investigação sobre alimentação e agricultura na Europa pode responder às expectativas e exigências dos cidadãos em matéria de alimentação e agricultura - é a questão que dá o mote à conferência que a EURAGRI - Iniciativa Europeia de Investigação Agrícola, em parceria com a Comissão da União Europeia (Direcção Geral de Investigação e o Comité Económico e Social Europeu - Secção de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Ambiente) está a organizar para os próximos dias 14 e 15 de Outubro, em Bruxelas.

Inscrições e informações
Tel.: +31 317 485 617
E-mail: euragri@co.wag-ur.nl

Encontro "Andar e Ver, Inventar o Local. Património e Território: Sombras do Futuro"

17 e 18 de Outubro

Um fórum de discussão, no qual se reflectirá sobre questões ligadas ao mundo rural, tendo por base a redescoberta de territórios e patrimónios para a identificação e construção de alternativas de desenvolvimento, é o objectivo da Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais e da Escola Superior Agrária de Elvas ao organizar o Encontro "Andar e ver, inventar o local. Património e território: Sombras do Futuro", que irá decorrer nos dias 17 e 18 de Outubro, em Elvas.

Inscrições e informações:
Escola Superior Agrária de Elvas
Tel.: 268 628528
E-mail: secretariado@esaelvas.pt

IV Fórum Nacional de Apicultura

1ª Feira Nacional do Mel

18 e 20 de Outubro

Dar continuidade a um trabalho de discussão e descoberta de novas formas de rentabilizar a apicultura nacional e promover o mel nacional, fazendo deste produto bandeira dos produtos nacionais, são os principais objectivos deste IV Fórum Nacional de Apicultura/ 1ª Feira Nacional do Mel. Uma organização da Associação de Apicultores do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, em parceria com a Federação Portuguesa de Apicultura, Junta de Freguesia de S. Teotónio, Câmara Municipal de Odemira e Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de S. Teotónio, a acontecer nesta vila alentejana, de 18 a 20 de Outubro.

Mais informações
TAIPA (Secretariado): Tel.: 283 320 020
José Carlos Mestre (Organização): TM: 96 4642866

II Jornadas do Património Rural

25 de Outubro

Arquitectura da paisagem, Arquitectura do lugar, Arquitectura popular e da Tradição à Inovação serão os principais temas a abordar nestas II Jornadas do Património Rural. Uma organização da TAGUS, a decorrer no Cine-Teatro S. Pedro, em Abrantes.

Para mais informações
TAGUS
Tel: 241 372 180 / Fax: 241 331 610
E-mail: Tagus.adiri@mail.telepac.pt

"Imagens do Desenvolvimento na Infância"

Outubro

A ADICES vai lançar ainda durante o mês de Outubro uma publicação relativa ao projecto criado no âmbito do Programa LEADER II, "Imagens do Desenvolvimento na Infância". Resultado do estudo realizado em 1999, em se pediu às crianças que expressassem, através do texto e do desenho, as suas representações sobre a região onde vivem e quais as suas expectativas quanto ao futuro dessa mesma região, a publicação contou com o apoio das câmaras municipais de Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão, Tondela, delegações escolares, professores e 3 681 crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico destes quatro concelhos.

Para mais informações contactar
ADICES
Tel.: 232 880080 / Fax: 232 880081
E-mail: adices@mail.telepac.pt

Visita da ACVER a Cabo Verde

20 a 27 de Outubro

Os associados da ACVER - Associação Internacional para a Cooperação e o Desenvolvimento de Comunidades Rurais - criada na sequência da visita de um grupo de pessoas em representação de seis associações de desenvolvimento local e quatro câmaras municipais portuguesas, em Maio de 2001 - estão a preparar uma nova ida a Cabo Verde. A organização da visita - prevista para a semana de 20 a 27 de Outubro - está a cargo da MONTE.

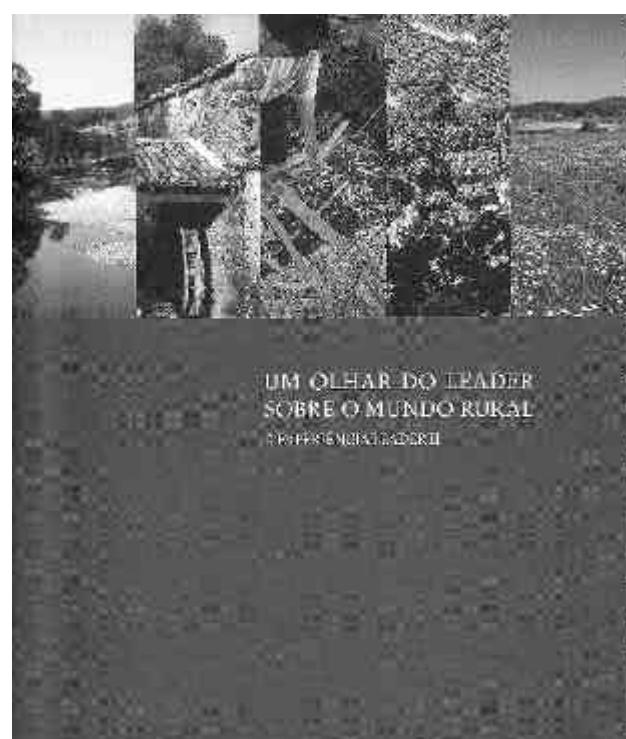
Para mais informações
ACE/MONTE
Tel.: 266 490 090 / Fax: 266 419 276
E-mail: monte.ace@mail.telepac.pt

EUREGIA 2002

30 Outubro a 2 de Novembro

A cidade alemã de Leipzig vai juntar, de 30 de Outubro a 2 de Novembro, cerca de 1200 representantes de associações de desenvolvimento regional e local, universidades, associações profissionais, etc., e responsáveis de projectos e redes de projectos de desenvolvimento local de toda a Europa, designadamente da Rede LEADER. Trata-se da terceira edição do EUREGIA - o maior congresso/exposição sobre desenvolvimento regional na Europa. As redes LEADER da Alemanha, Áustria, Dinamarca e Holanda são algumas das participações já confirmadas.

Mais informação
http://www.euregia-leipzig.de
http://www.leaderplus.de



Um olhar do LEADER sobre o mundo rural

A experiência LEADER II

A Direcção Geral do Desenvolvimento Rural publicou uma obra de prestígio sobre a Iniciativa Comunitária LEADER II em Portugal, livro que pretende ficar como uma referência da intervenção das Associações portuguesas que geriram aquele programa e que, mercê da qualidade gráfica e de conteúdo, será seguramente um elemento prestigiante para a memória da intervenção levada a cabo entre os anos de 1996 e 2001.

Com um formato de 29 x 22,5, 276 páginas, cartonado e com capa dupla, *Um olhar sobre o mundo rural* é um objecto apetecível. Lá dentro, enquadradas pela respectiva Direcção Regional, alinham-se as 48 associações gestoras do Programa LEADER II, os seis organismos colectivos que asseguraram projectos na medida B2 e a Célula de Animação.

O enquadramento institucional é feito pelo Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Director Geral do Desenvolvimento Rural e Gestor do Programa, na altura, Vítor Barros, Rui Barreiro e Nuno Jordão, respectivamente.

Cada região agrícola é introduzida por um pequeno texto enquadrador e pela transcrição de textos literários alusivos às características e valores regionais. O Entre-Douro e Minho é introduzido por Teixeira de Queirós, em *Campos da minha terra*, Trás-os-Montes por Manuel Monteiro, a Beira Litoral por Oliveira Martins, em *História de Portugal*, a Beira Interior por Ferreira de Castro, em *A lã e a neve*, o Ribatejo e Oeste por Almeida Garrett, em *Viagens da minha terra*, o Alentejo por três poemas de Florbela Espanca e Manuel da Fonseca, o Algarve por Raul Proença em *Guia de Portugal* e um poema de António Ramos Rosa, a Madeira por Carlos Lélis em *As ilhas d'invenção* e os Açores por Raul Brandão em *As ilhas desconhecidas*.

“A flexibilidade de que o programa é dotado permitiu definir soluções muito adequadas às necessidades de desenvolvimento. A desburocratização e a rapidez na actuação e nos pagamentos foram aspectos muito positivos e inovadores em Portugal. O seu carácter inovador permitiu melhoria de normas, procedimentos e mesmo de legislação nacional que constituíam anteriormente obstáculos ao desenvolvimento. Por todas estas razões e para além delas, podemos dizer que se abriu uma nova esperança e um clima de optimismo no mundo rural abrangido pelo programa, reconhecendo que está, muitas vezes, na sua mão e no seu esforço a construção do seu próprio futuro.” É assim que Nuno Jordão, presidente da comissão nacional de gestão do Programa LEADER II termina o seu texto de introdução. *Um olhar do LEADER sobre o mundo rural* fica a testemunhar para o futuro essa “nova esperança e clima de optimismo” que se vai afirmando nos nossos espaços rurais, muito pela contribuição do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER.



www.atahca.pt



Colmatar a falta de informação sobre a sua zona de intervenção foi o que levou a ATAHCA - Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave - a criar uma página na Internet.

Descobrir as Terras do Alto Cávado através de quatro roteiros turísticos - “Encostas de Mixões

da Serra”, “Odores e Sabores Rurais”, “Ouro e História” e “O Natural” - é a proposta que a Associação de Vila Verde lança aos cibernautas que acederem ao endereço www.atahca.pt. Ao incluir breves notas sobre o património, gastronomia, alojamento, lazer e outras informações úteis sobre cada um destes itinerários turísticos o desafio é claramente, como diz o slogan, apaixonarmo-nos pelo Alto Cávado. Cada itinerário, para além do respectivo mapa pormenorizado, apresenta ainda um grupo de destaques que permitem “entrar” em alguns dos lugares mais recônditos da região e conhecer um pouco mais da sua história e cultura. O roteiro “Encostas de Mixões da Serra” propõe, por exemplo, uma visita às Aldeias de Brufes e Cutelo, Serra Amarela e Fojo do Lobo, e ainda uma incursão na arte de trabalhar o linho e na tradição centenária dos Lenços dos Namorados. “O Alto Cávado com... Vida” é assim um sítio que convida a um apaixonante passeio pelo coração verdejante do Minho, conhecendo as suas gentes, a sua cultura, e a sua história.

www.gaitadefoles.net



Estudar e divulgar o instrumento musical Gaita de Foles é o principal objectivo da Associação Gaita de Foles – Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita de Foles (APEDGF). Em 1994, um grupo de pessoas interessadas neste instrumento (inclusive músicos profissionais) juntaram esforços e decidiram trabalhar em conjunto, num espírito associativo que se traduziu na oficialização da constituição desta Associação em 1999. Desde então, a APEDGF tem vindo a realizar uma recolha exhaustiva de todos os dados existentes em relação ao instrumento

e ao “universo” musical e social em que se insere, incluindo iconografia sobre gaita-de-foles em Portugal, fontes escritas e fontes fonográficas, fotográficas e audiovisuais. Esta pesquisa culminou na elaboração de um arquivo digital que se encontra em permanente actualização.

No sítio da APEDGF é possível aceder a notícias sobre o universo das gaitas de foles, escolas, oficinas, biografias de gaiteiros, arquivos de documentos, iconografia, e ainda a informação sobre a Gaitafolia – um grupo de gaitas.

www.ad-elo.org



A baixa competitividade do sector agrícola, a existência de bolsas de pobreza/exclusão ou a mão de obra com baixo nível de qualificação profissional são alguns dos estrangulamentos detectados na zona de intervenção da AD ELO - Associação de Desenvolvimento Local da

Bairrada e Mondego. Virar-se para a descoberta de potencialidades que proporcionassem a implementação de projectos de âmbito social e económico foi o grande desafio desta Associação, constituída em 1994, e cujos principais objectivos passam pelo desenvolvimento de projectos que visam reforçar a capacidade económica local/regional, modernizar o potencial económico, contribuir para a melhor articulação entre urbano/rural, e fortalecer a identidade da região.

No sítio da AD ELO poder-se-á ter acesso a todas estas informações, incluindo dados sobre a associação (histórico, objectivos, estratégia, recursos humanos, recursos materiais, e rede), sobre o território, identificar os associados e ainda, aceder a informação sobre projectos e programas, notícias, serviços, endereços úteis, formulários e contactos.

Moçoilas - “Já cá vai roubado”

Elas roubaram tudo!

Quiseram reproduzir os sons da serra do Caldeirão para levar a uma Manifesta... E nunca mais pararam. O vício das músicas da serra entrou-lhes no sangue, e desde aí saqueiam o repertório musical deste e de outros pontos do país.



“Já cá vai roubado! Aqui vai roubado. Tudo roubado”. Conta o provocador texto de abertura do único álbum até agora editado, dando o mote para a postura deste original grupo de cantares tradicionais, que se sustentam do roubo do cancionário algarvio, do Alentejo, e de outras zonas do país.

Uma história de vilania e pilhagem, aos lugares onde o “canto obriga a pôr a voz para fora”. Uma narração de infâmia e sem vergonha na reprodução de cantigas populares tradicionais da região, férteis no praguejar algarvio e nas saudáveis malandrices que dão um tom picante às histórias de amores. Cantigas saqueadas em Alte, Martinlongo, Alcoutim ou Monte Ruivo. Canções de trabalho, de lazer e de namoro, também metedigas e atrevidas. Canções que fazem o já longo percurso de existência das Moçoilas.

A Primavera de 1994 assiste ao nascimento do grupo. Margarida Guerreiro, Teresa Colaço e Teresa Muge trabalham na associação In Loco. Eduarda Alves, mantinha uma estreita ligação com este trio, que trabalhava a participação da associação na Manifesta de Santarém. As quatro amigas partilhavam uma preocupação - a ausência de registos dos sons da serra do Caldeirão.

Uma cassete de recolhas realizadas por Helder Raimundo e Daniel Vieira, com velhotes na serra do Caldeirão despertou uma ideia insólita. Era este som que desejavam levar à Festa do Desenvolvimento Local. “Como não tínhamos os velhotes, e como não nos era possível levá-los para cantarem”, lembra Margarida Guerreiro, “decidimos levar este som, só que éramos nós que o fazíamos”. Durante quatro meses, trabalharam os arranjos das músicas, e a primeira apresentação teve resultados inesperados. “Criámo-nos para a Manifesta, para dar resposta a uma necessidade, e depois saímos de lá em braços!”, lembra Margarida, por entre o riso dos restantes elementos do grupo. O entusiasmo foi generalizado, e a recepção calorosa.

Teresa Colaço não sabe explicar este sucesso, mas sente que a aceitação resulta da presença em palco. “Acho que transmitimos uma boa

energia. Aquilo que mostramos às pessoas é genuíno e alegre.” Uma opinião partilhada por Ana Maria Guerreiro, que acrescenta que há ainda “qualquer coisa de especial nestas nossas músicas, do nosso povo, da nossa serra, que realmente cria esta empatia”. As pessoas reconheceram-se nas músicas das Moçoilas. Escutar de novo os sons tradicionais, representava uma inversão de valores. A falta de estima e desconsideração dos valores rurais, que para Margarida Guerreiro é evidente, foi ultrapassada por um sentimento de identificação e reconhecimento.

Preservar memória

Em complementaridade desta inversão de valores, funciona um processo de preservação da memória musical, realizado através de recolhas. De gravador na mão, os elementos do grupo aproveitam encontros com pessoas conhecedoras de canções da região e tentam convencê-las a cantar, para registar os sons. “Temos de ter algum tempo e disposição, e temos de estar com as pessoas um bocadinho para conseguir gravar alguma coisa, porque uma recolha não se faz assim entre uma bica e outra, e ‘agora cante lá aqui uma canção’, porque não é fácil”, assinala Margarida Guerreiro. Outras vezes, esta aprendizagem ainda adquire contornos mais particulares. “Quando fomos a Castro Verde, veio um senhor que disse: ‘você não se podem ir embora enquanto não vos ensinar esta canção’, e o senhor cantou 10 vezes, 15 vezes a canção, porque a gente não tinha gravador, até aprendermos, e não pudemos sair dali enquanto não aprendemos. Agora, soubemos que esta canção foi encontrada há muitos anos na Nazaré, mas não interessa, a gente aprendeu-a em Castro Verde e é completamente à alentejana”.

Muitas músicas depois. Seis anos de experiência de concertos na estrada. O grupo pensou em registar as canções. Uma má experiência em estúdio, aliada às boas experiências nas prestações ao vivo, foram decisivas para a escolha final de gravação de um CD ao vivo. Dias 9 e 10 de Junho de 2000,

o Auditório do Museu Arqueológico e Lapidar de Faro foi pequeno para acolher o batalhão de fãs e amigos das Moçoilas, que vibrou com os dois espectáculos do grupo. Daí nasceu o álbum “Já cá vai roubado”. Uma edição da Casa da Cultura de Loulé, com apoio do programa LEADER II / ARRISCA.

Um nome de álbum atrevido, que Teresa Colaço arrisca explicar: “Temos uma música, que cantamos, a que demos esse título: ‘Já cá vai roubado’, que é uma música que era cantada em contextos de baile, e que tem a ver com roubar o par”. Um título sugestivo, que associado à experiência do grupo em apropriar-se de músicas de diversas origens, se transformou num título óbvio. Uma apropriação que Ana Maria Guerreiro não resiste a esclarecer. “Este roubar é um bocado transmitir, continuar a cantar as músicas que outros, noutros tempos cantaram, e que hoje continuamos a ouvi-las cantar... É um roubado no bom sentido”.

O álbum “Já cá vai roubado” é um desfile de canções populares, de rimas atrevidas e picantes, muitas vezes associadas aos amores. Em “Eu tenho um Amor em Alte”, cantam-se os amores espalhados pela serra: “Eu tenho um Amor em Alte / Tenh’ outro em Benafrim / Tenh’ outro no Monte Ruivo / Esse é que m’alegra a mim”. Temática que se reencontra noutros temas como “Joguei limão correndo”, “Amor serralheiro”, ou “Já cá vai roubado”. Assinale-se ainda os magníficos arranjos de “Não há noite mais alegre”, ou “Bate, bate”. Sempre com humor, ironia e alguma irreverência.

Para trás, por entre a história do grupo, ficou uma perda. Eduarda Alves, entretanto desaparecida, deixou um profundo e irreparável vazio entre os restantes membros do grupo. Sobre o resto não há dúvidas, uma opinião recolhe unanimidade: “Tem sido uma experiência muito gratificante”, e o caminho aponta para a continuidade. Com as Moçoilas no activo, ficamos com a agradável sensação de que temos o nosso património musical popular a saque. Cuidado!

João Limão
jlimao@inde.pt

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 2 | Setembro 2002

Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 8435870
Fax: 21 8435871
Email: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Cristina Cavaco, Francisco Botelho, Luís Duarte, Maria do Rosário Serafim, Paula Matos dos Santos

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

ADDLAP, ADELIAÇOR, Adelino Chapa, ADER-SOUSA, ADIBER, ADICES, ADREPES, Alentejo XXI, ANIMAR, ATAHCA, DOLMEN, DUECEIRA, Luís Duarte, Maria do Rosário Serafim, Raia Histórica, TAGUS, Terras do Baixo Guadiana, Terras Dentro, Terras de Sicó, Tito Rosa

Edição gráfica

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

nº 142 507/99

Registo ICS

nº 123 607

